3 1761 07147886 1

DP
666
C75

COROA POETICA

NO CONSORCIO

DE

SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS

O SENHOR REI

D. LUIZ

E

A SENHORA RAINHA

D. MARIA DE SABOYA.

COROA POETICA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/coroapoeticanoco00bret

COROA POETICA

NO CONSORCIO

DE

SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS

O SENHOR REI D. LUIZ

E

A SENHORA RAINHA D. MARIA DE SABOYA

COLLABORADORES

Antonio F. de Castilho. — A. S. Cabedo. — Camillo Castello Branco. — E. A. Vidal. — Eusebio Asquerino. — Gaeteno Frascarelli. — Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos. — José Maria Latino Coelho. — J. P. Bianchi. — José Ramos Coelho. — José da Silva Mendes Leal. — Julio de Castilho. — **.L. — Luiz Augusto Palmeirim. — Luiz Augusto Rebello da Silva. — Manuel Pinheiro. — Thomaz Ribeiro. — Luiz Breton y Vedra.

LISBOA

SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1862

ESTABELECIMENTO TYPOGRAPHICO
6, Rua do Thesouro Velho, 6,
Administrado por François Lallemant.
Lisboa.

A SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS

O SENHOR REI DOM LUIZ

E

A SENHORA RAINHA DONA MARIA DE SABOYA

NO

SEU AUSPICIOSO CONSORCIO

Offerece reverente

Luis Bretan y Vedra.

LIBRARY
SEP 20 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

As paginas do livro de um novo reinado dicta-as a providencia, e escreve-as o futuro. O Princepe, que hoje está sentado debaixo do solio de D. Maria II e de D. Pedro V antes de cingir a coroa aprendeu o officio de rei com os trabalhos de homem. Grandes exemplos e grandes virtudes rodearam o seu berço, instruiram a sua infancia, e robusteceram a sua adolescencia. Ás portas de ouro da juventude, ao lado da esperança, que o chamava coroada de flores e com o riso nos labios, aguardavam-n'o tambem a dôr e as lagrimas. Subio os degraus do throno cuberto de luto, e calcando espinhos, e custou-lhe mais prantos o esplendor do diadema, do que remorsos e crimes custa muitas vezes á ambição a idéa da suspirada grandesa, que a deslumbra.

A aurora da época, que ha de abrir, apenas rompeu hontem. Os goivos e as perpetuas entroncaram-se com as perolas e os diamantes do manto real. O nome do rei profere-o o povo com

o mesmo amor, com que dizia o do soberano querido, que levou nos braços a descançar de seis annos de magoas e fadigas, ao lado de sua mãe e de seu avô, debaixo das abobedas de S. Vicente de Fóra. O senhor D. Luiz I em todos os passos adiantados desde que empunhou o sceptro, nunca desmentio as promessas do seu coração, os brios do seu nascimento, ou a escrupulosa lealdade da sua palavra de Principe e de primeiro cidadão portuguez. Religioso observador do seu juramento, e herdeiro dos nobres commettimentos do seu antecessor, edifica a sua gloria no monumento das gloriosas tradições, de que não sabe apartar-se, porque firmam entre nós as bases da monarchia no solido alicerce do affecto popular.

A Senhora D. Maria II, como a grande imperatriz Maria Thereza d'Austria, não foi só uma Rainha notavel pelas prendas varonís; foi mais; foi mãe inimitavel, educadora zelosa, e modêlo constante das perfeições, que possuio o raro segredo de incutir no tenro animo de uma geração abençoada.

Quando a morte chegou, não esperada, e veio cerrar-lhe os olhos; quando o sceptro lhe escapou das mãos; aquella nobre alma ao desprender-se do mundo, quando relanciava sobre os que ía deixar uma derradeira vista de infinito amor, pôde elevar-se ao seio da immortalidade com a sublime confiança, de que o maior e mais duravel padrão de sua memoria, que legava, eram as qualidades do caracter e do espirito, o culto da honra e do dever, a religião da liberdade, e a entranhavel affeição pela terra natal, que a sua desvelada ternura soubera gravar no peito de tantos filhos, creando-os como homens para não estranharem os trabalhos da vida, e educando-os, como cidadãos, para depois, rei e infantes, fazerem sobresahir a purpura com o esplendor das virtudes pessoaes.

E esta herança, mais preciosa cem vezes, do que a propria corôa, torna os nossos principes tão queridos dos subditos, quanto os subditos sabem que são amados d'elles. Suave e grandiosa recompensa, que de certo não alcançam, por mais que ceguem, as pompas da realeza orgulhosa, os trophéos de admiradas victorias, ou os brazões de opulentas conquistas.

A dynastia de Aviz, firmada, como a actual, pela espada de um Rei soldado, realçou do mesmo modo a sua gloriosa origem. Os filhos de D. João I e de D. Filippa de Lencastre sempre foram os primeiros na côrte de seus paes, não só pelo nascimento, mas porque ninguem os excedeu e poucos se lhes poderam comparar como cavalleiros no primor das armas, ou como esclarecidos cultores das sciencias, das lettras, e das artes, engenho e no ardor do estudo.

Quiz a providencia, que o ditoso fado d'esta heroica raça se repetisse em nossos dias na familia da Senhora D. Maria II. Nenhum dos irmãos do Senhor D. Pedro V desmentio as esperanças da sua educação; nenhum deixou em todos os lances da sua vida de corresponder ao que requeriam de seus brios a nobresa do sangue e a nobresa dos sentimentos. Por isso no meio do terror e desalento das tragicas scenas da epidemia, que assolou a capital, nós contemplámos o herdeiro da Rainha, aprendendo como D. Duarte nas lições do infortunio o que elle com rasão chamava o doloroso officio de reinar; offerecendo-se todos os dias sem ostentação em holocausto á furia do flagello; e encarando a cada momento a morte com a mais serena intrepidez. A cidade inteira tremia consternada por si e por elle entre lutos, gemidos e amarguras!

Dominado pelo mesmo austero principio vimol-o depois enxugar á purpura as lagrimas de homem, e sentindo despeda-

çar-se-lhe o peito, que já tinham retalhado tantas magoas, vimol-o levantar-se, Rei e christão, de junto do sepulchro da esposa, e volver obreiro incansavel com o luto da viuvez estampado no rosto ás fadigas e cuidados do poder. Os espinhos da corôa pungiam-o tanto mais n'essa hora, quanto lhe avivavam a cada instante a recordação inconsolavel d'aquelle anjo, que só lhe fôra dado por momentos contemplar ao seu lado, e que espirito já do céo lhe voára dos braços para o ir esperar aos pés do throno de Deus!

Todos os netos do imperador sahiram dignos do glorioso fundador da dynastia. Ligados pelo estreito vinculo do mais carinhoso affecto, e como que não formando todos senão uma só alma, sempre compozeram uma familia tão unida, tão intima, e tão igual nas prendas e sentimentos, que nunca nem a leve sombra de momentaneo dissabor veiu empanar o brilho da estremosa amisade, que os fez viver a mesma vida, e que, por ardente e arrebatada converteu para dois d'elles, Rei e Infante, a dôr e a saudade em funestas percursoras da mesma morte.

Desde que abrio os olhos, o Senhor D. Luiz I nunca observou outros exemplos, nem seguio outros preceitos. As adulações, cujo incenso tem offuscado tantos monarchas nas desamparadas eminencias do poder, nunca acharam entrada nos paços de sua mãe, nem no seu animo, ou no de seus irmãos. A jactanciosa ignorancia de reputar ainda hoje o estudo e o trabalho como desdouro nunca lhe mereceu senão despreso. Convencido de que os titulos adquiridos enobrecem tanto, ou mais que os herdados, buscou na applicação aos livros e no exercicio da profissão, que abraçára, uma honrosa carreira, e mais uma illustração pessoal. Sabendo quanto o sangue nobre obriga,

empenhou desde a mais tenra juventude todos os esforços para sobredourar o seu berço com as palmas de navegador e os louros de soldado.

A educação do Rei actual, assim como a de todos os filhos da Senhora D. Maria II, foi esmerada e completa. As linguas vivas, as linguas mortas, as disciplinas, que os nossos antigos denominavam humanidades, e as sciencias mathematicas, ensinadas por mestres não só diligentes e zelosos, mas competentissimos, e honrosamente abonados pelos seus escriptos, occuparam a assiduidade e a facil penetração do Infante. A natural propensão inclinava-o sobre tudo para algumas d'ellas, em que se distinguio com justificado louvor.

O desenho, a musica, a esgrima, e a gymnastica, aprendidas como recreação dos estudos mais austeros, não acharam menos disposta a sua indole para acolher e aproveitar o que as boas artes promettem a quem sabe estimal-as, e consegue familiarisar-se com ellas.

Nascido em 31 de outubro de 1838, um anno depois do senhor D. Pedro V, e obedecendo á vocação precoce, assentou praça na armada aos oito annos de idade, e foi nomeado guarda marinha em 9 de outubro de 1846. Promovido ao posto de segundo tenente em 19 de maio de 1851, ao de capitão tenente em 29 de outubro de 1854, e ao de capitão de fragata em 24 de março de 1858, encetou com menos de vinte annos a vida do mar, assumindo em 12 de setembro de 1857 o commando de brigue *Pedro Nunes*, e cruzando na costa de Portugal desde o dia 18 de janeiro do seguinte anno, sujeito em tudo como simples official ás obrigações e á responsabilidade do serviço naval.

Desde então as viagens seguiram-se umas ás outras, e os largos horisontes da carreira, que preferira, começaram a di-

latar-se diante da vista do mancebo, que tão grandes memorias convidavam a presar como primeiras armas do seu enthusiasmo juvenil as solitarias conversações de um espirito desejoso de grandes coisas com a solidão das aguas, com o culto heroico das epochas mais notaveis da nossa historia, e com os sonhos de ousada ambição, que nenhuma poesia inspira e eleva tanto, como a que brota nas vigilias do convez do espectaculo da immensidade das aguas, quando a noite, o silencio, e até as estrellas do céo fallam do passado, e em uma alma nova redobram sobre tudo a saudade do vasto imperio, que a victoria nos ganhou, e que os infortunios e os tempos nos fizeram perder.

Nomeado commandante da curveta *Bartholomeu Dias* em 12 de junho de 1858, querendo justificar a escolha de El-rei seu irmão, apenas respirava alguns dias no seio da familia e nos braços dos que tanto estremecia, tornava logo depois ás fadigas e navegações, cada vez mais desejoso de visitar novos climas e de se medir com maiores trabalhos.

Em outubro de 1858 vio a Madeira e os Açores. Em abril de 1858 entrou pela primeira vez os portos de Inglaterra. Em 14 de maio do mesmo anno repetio a jornada, conduzindo a seu bordo Sua Alteza a Senhora D. Maria Anna e o principe Jorge, seu esposo.

No mez de setembro de 1859, sendo já capitão de mar e guerra desde 9 de março, verificou a sua viagem a Tanger, nos Estados Barbarescos, para com a presença do Senhor Infante e com a valiosa protecção da bandeira portugueza se assegurar melhor o respeito dos direitos e interesses dos nossos subditos residentes nas terras marroquinas. Se a brevidade, porém, nos obriga a abstermo-nos de traçar a descripção d'estas escur-

sões, e especialmente da ultima, tão curiosa e instructiva sobre tudo para portuguezes, seja-nos licito dar ao menos uma succinta idéa do modo porque em Angola foi recebido o Senhor D. Luiz, em agosto de 1860.

Clamam tão alto por nós as possessões ultramarinas, ricas por si mesmas, abençoadas de todos os beneficios, que a providencia a poucas liberalisou com mãos tão largas, que a nosso vêr seria reprehensivel omissão deixarmos de commemorar os jubilos, que dispertou a presença do infante, e que, segundo esperâmos, o seu reinado confirmará, estendendo o braço valedor áquellas remotas regiões, que suspiram por quem saiba conhecel-as, e possa ajudal-as.

A curveta *Bartholomeu Dias* aportou a Loanda com vinte e nove dias de bonançosa navegação. Á noticia da sua chegada e do real hospede, que ía receber, a cidade, mudada a tristesa usual nas gallas e festejos da mais sincera alegria, póde dizer-se que toda acudiu ao caes e logares visinhos, inquieta e anciosa por ver o primeiro Principe portuguez, que vinha de tão longe trazer-lhe a promessa de mais felizes dias.

Fecharam-se as repartições, embandeiraram-se espontaneamente os navios nacionaes de guerra, e os mercantes, e com elles embandeirou-se tambem a curveta franceza *La Recherche*, que não quiz desmentir a cortezia do seu pavilhão em occasião de regosijo tão geral. O Senhor D. Luiz saltou em terra ás nove horas da manhã do dia 9 de setembro no meio do cortejo formado pelo conselho do governo, camara municipal, corpo consular, corpo do commercio, empregados civís e militares, e por todos os cidadãos distinctos.

No rosto juvenil do Infante, tão parecido nas feições e na expressão da physionomia a sua mãe, a rainha D. Maria, luc-

tavam os encontrados affectos provocados pela novidade da scena e dos logares, pela lembrança de tantas grandezas decahidas, e pelo legitimo orgulho de se julgar talvez fadado a reparal-as, continuando na aventurosa carreira, que mal podia prever então, que cedo havia de encerrar-se para elle depois d'estas risonhas premiças.

A voz das multidões, repetindo por muito tempo e acclamando o nome do Principe, e os cordeaes emboras devidos á sua vinda, uniam-se ao estallar das numerosas girandolas, que subiam aos ares, e annunciavam, que o irmão do Rei de Portugal, o descendente de D. João II, de D. Manuel e de D. João IV, acabava de pizar aquellas praias, em que mãos victoriosas tinham erguido um dos grandiosos padrões de nossas glorias navaes. As casas e varandas, que olhavam para as ruas, por onde havia de passar o prestito, armadas de colchas de seda, e de estandartes, que a brisa agitava lentamente, matisavam o quadro com a variedade de suas côres, e os adornos trajados pelas damas, que n'este dia povoavam as janellas, de ordinario quasi sempre desertas, não attrahiam menos a curiosidade e os applausos.

Offerecidas as chaves da cidade, e depositadas pela camara municipal nas mãos do Infante, depois de uma breve allocução, que Elle agradeceu em concisas e urbanas phrazes, o Senhor D. Luiz encaminhou-se debaixo do pallio á igreja cathedral. Ás portas do templo estava-o aguardando o vigario capitular, rodeado do cabido e da collegiada com a cruz alçada. Cumprida a cerimonia religiosa, e osculado o devoto cruxifixo sobre a sua almofada de veludo, o luzido cortejo entrou na Sé, aonde assistio á missa solemne, e ao Te-Deum cantado em acção de graças pela feliz chegada do Principe portuguez.

Terminadas as funcções do culto, o Senhor D. Luiz, a cavallo, levando ao seu lado o governador geral, e seguido do chefe e dos officiaes do estado maior, e de uma força de cavallaria, dirigiu-se ao palacio do governo, aonde ao meio dia se verificou a recepção official. O Infante, cujo agrado captivára as vontades, desde que se achava no centro d'aquella população tão leal e fervorosa no affecto, respondendo ao discurso recitado pelo presidente da camara em nome do municipio de Loanda e dos habitantes da provincia, coroou a conquista de todos os que o rodeavam com a prudencia e descernimento da sua replica, na qual, inculcando as necessidades publicas da localidade, assegurou aos vereadores, e aos moradores em geral, que nunca se esqueceria d'este dia, um dos mais bellos da sua vida, nem da promessa que lhes affiançava de sempre se lembrar de uma terra, que só carecia da protecção e vigilancia da metropole para competir com as mais invejadas colonias na riqueza do commercio e prosperidade da cultura.

Ás cinco horas da tarde, ao levantar-se da mesa, onde lhe fôra servido um sumptuoso refresco, a benignidade da temperatura determinou o Principe a não demorar para outra occasião a sua visita ao hospital da mizericordia, do qual tambem faz parte o hospital militar, e seguido dos funccionarios e das pessoas, que o estavam acompanhando, para lá se encaminhou a pé. Entrando nas enfermarias, e nas diversas officinas, em todas manifestou a piedade do seu coração, e o vivo desejo, de que o estabelecimento podesse corresponder aos fins da instituição.

Regressando ao palacio, e tornando a montar a cavallo, desceu á cidade baixa, e apeou-se á porta do *Recolhimento Pio de D. Pedro V*, que percorreu com a mesma attenção benevola

e esclarecida. Por fim desceu ao caes, e ahi se despedio do conselho do governo, da camara, e das auctoridades, que não se separaram, senão quando o viram metter no escaler para se recolher ao seu navio.

Um generoso brinde logo no seguinte dia veio avivar a grata presença do hospede, que Loanda festejava com tanto amor. O Senhor D. Luiz offereceu sessenta libras sterlinas para serem distribuidas pelos presos pobres e pelas instituições de caridade. Foi a sua despedida aos infortunios e padecimentos, que a vista do irmão de El-rei começára a suavisar, e que, humano por indole e educação, não pôde contemplar sem se condoer profundamente.

Pouco tempo podia conceder a esta escursão tão digna de um Principe navegador, e tão util em si mesma como testimunho e penhor do affectuoso cuidado, que a provincia de Angola deve merecer ao governo portuguez. Quiz ao menos aproveital-o; e, cortando pelas proprias commodidades, ainda mal repousado das fadigas da viagem para affrontar os ardores do clima, voltou de novo a terra, quasi incognito, e prohibindo qualquer ostentação, satisfez o intento de ver pelos seus olhos os quarteis militares e a fortaleza de S. Miguel. Encontrou em quasi todos estragos, desamparo, e pobreza! A melancolia do semblante, mais ainda do que a das palavras, attestou o pesar que lhe causára o espectaculo d'esta profunda decadencia. Os males, filhos de antigas omissões, e mais ainda dos acontecimentos, do que do erro de ministros e empregados, agravaram-se, como acontece sempre com os annos e as calamidades, e hoje, mais do que nunca, o dilema urge e aperta por uma solução.

«Ser, ou não ser!» eis a unica e concisa significação de uma ruina, a que não podemos deixar de acudir sem arriscar

a integridade d'aquelle extenso solo, tantas vezes regado do sangue portuguez, as tradições da nossa bandeira, alçada n'aquellas ameias, que se estão desmoronando, e as grandezas, não phantasiadas, mas realisaveis, que a rainha da Africa occidental affiança a quem não lhe adormecer ao lado, ou descrente e fatigado, não desamparar por impossivel a empreza de a enriquecermos, engrandecendo-nos egualmente a nós pelos fructos da industria e da civilisação.

No dia 14 de setembro disse o Senhor D. Luiz o ultimo adeus á cidade de Loanda, e ás tres horas da tarde a curveta *Bartholomeu Dias* picava as amarras, e principiava a sua navegação para a patria no meio das salvas das fortalezas e navios de guerra nacionaes e estrangeiros, e da viva saudade dos habitantes, que seguiam com os olhos humidos aquelle navio, que levava para tão longe o Principe, que tinham visto surgir no seu porto como uma esperança radiosa, e que se recolhia agora, coberto de bençãos, para ser no reino o protector dos grandes interesses, que supplicavam desvalidos que lhes acudisse uma poderosa mão, que soubesse dirigil-os e ajudal-os.

Os annos de 1860 e 1861, depois da viagem de Angola, não foram menos activos para o Principe. A vocação impellia-o; a vida da côrte era para elle apenas como uma pausa, como um momento dado ás affeições da alma e ás alegrias da familia entre duas fadigas. Quasi sempre embarcado, e sempre devorado da impaciencia de arar de novo o Oceano, e de aprender, (mal imaginava que a reinar!) no livro mais instructivo de todos, o dos costumes, artes, e politica das nações estranhas, vemol-o em abril de 1861 voltar á Madeira e a Gibraltar, em agosto voar a Southampton para conduzir o principe Leopoldo, promettido esposo de sua formosa irmã a Senhora Infanta

D. Antonia, em setembro sair ao encontro de El-rei o Senhor D. Pedro, que voltava da sua visita á exposição industrial do Porto, ultimo acto dos seus trabalhos de Rei, e finalmente em 18 de setembro reconduzir os consortes, depois das festas e jubilos de um matrimonio auspicioso, desferindo as vellas para Anvers, depois de apertar nos braços, cuidando ser por dias, (!) o estremoso irmão, que para adoçar as tristezas do apartamento ía emprehender a fatal jornada, d'onde trouxe no seio talvez escondida a morte.

N'esta viagem, que havia de ser a sua ultima navegação de Infante, a fortuna pareceu como que empenhada em lhe esconder entre sorrisos a adversidade, que nas trevas erguia a mão pesada de luto contra o paço de nossos reis. Ao lado da Princeza, tão meiga e gentil, tão saudosa dos seus e da patria, sentindo escorregar veloz pela face das aguas a sua bella curveta, e vendo desapparecer a pouco e pouco na distancia as costas de Portugal, quem ousaria prophetisar ao Infante, que tão cedo esperavam por elle uma corôa e as prisões da realeza em vez da liberdade do seu navio, da isempção de viajante, e da activa e aproveitada existencia, que desde a flor da juventude lhe tecêra dias tão serenos e suaves?

Acompanhava-o o Senhor Infante D. João, e ambos se achavam na côrte do imperador dos francezes, participando da alegria dos festejos de Compiegne, quando um telegramma expedido pelo ministro dos negocios estrangeiros ao visconde de Paiva veio ferir os dois repentinamente. Era a noticia da morte do Senhor Infante D. Fernando. Era a primeira data funebre, que abria a funesta serie de calamidades, que tornaram tristemente memoravel o anno de 1861. O despacho enviado aos Principes passou primeiro pelas mãos de Luiz Napoleão, e este,

commovido, procurou predisplôl-os para o golpe que íam receber, sem com tudo lhes revellar toda a verdade. Só em Paris é que souberam que tinham de menos seu irmão o Senhor Infante D. Fernando.

Embarcando-se á pressa em Southampton a bordo do vapor *Oneida*, os dois infantes, repartido o coração entre a dor e as vivas apprehensões, que lhes suscitava o caracter de El-rei D. Pedro, contavam as horas com a impaciencia e afflicção de quem sente o coração adevinhar-lhe maiores desgraças, e não póde correr adiante do perigo, nem ao menos consolar-se com a idéa do sacrificio. Quatro dias e meio durou a navegação do paquete, e com ella o martyrio que padeceram. N'este curto espaço quantas lagrimas, quantos presentimentos crueis! Que sombrios os esperavam a cidade e o reino! As bandeiras funebremente arriadas a meia hastea, as bocas dos canhões inflammando-se de intervallo em intervallo, e soltando os gemidos lugubres do bronze, e o ar melancolico, que parecia vestir de luto as fortalezas e todos os objectos, deram aos dois viajantes o primeiro annuncio de immensa perda, que tinham de chorar.

O vapor entrou a barra sobre a madrugada do dia 14 de Novembro, e ás sete horas da manhã o Senhor D. Luiz e o Senhor D. João desembarcavam no caes de Belem. Um numeroso concurso de povo, mudo e enternecido, viu atravessar os principes consternados, e inclinando-se diante d'aquella dor, correspondeu ás suas lagrimas com o silencio e o pranto, glorioso epitaphio que poucos reis alcançam, quando baixam do throno e entram no sepulchro.

Uma palavra só, o tratamento de magestade dado ao Infante pelo presidente do conselho de ministros, marquez de Loulé,

rasgou o véo logo a bordo, justificando o doloroso presentimento do coração do Senhor D. Luiz. Ainda lhe restava depois de cingir o diadema, e de opprimir os hombros com a purpura real, exgotar as ultimas e amargosas pheses do calix, que a providencia lhe destinava.

O amigo da sua infancia, o irmão da sua alma e do seu affecto, o confidente e companheiro d'aquelles quatro dias de anciedade agonisados no mar, o Senhor Infante D. João havia de ser a ultima victima da fatal enfermidade, que de tão viçosa dynastia sómente poupou dois Principes, um ainda hoje desfalecido da sua terrivel lucta com a morte, o outro, apesar de superior pelo sentimento do dever á fraqueza humana, accusando na subita palidez do semblante os tormentos, que a vontade firme consome comsigo, mas que nunca, por maior que seja a magnanimidade do animo, emudecem de modo, que os não denuncie uma lagrima furtiva, um suspiro, uma sombra sobre o rosto, reflexos do tumulo, que de repente gelam o sorriso, que os labios principiavam a abrir, ou amortecem a animação, em que a vista parece prometter, que a alma começa a esquecer-se.

O tempo, supremo consolador dos grandes infortunios, tambem ha de suavisar estes, que raras vezes foram igualados. Á dor aguda sobrevivirá a saudade, lenta e duravel, em que revive a meiga e melancolica imagem dos que perdemos, e que nos precederam para nos sorrir do empyreo, saudando a hora, em que se acharam livres dos ferros do seu desterro. Os reis são pastores de povos. Chamam por elles a um tempo tantas vozes, tantos deveres, e tantas desgraças, que seria quasi um delicto lembrarem-se mais das magoas domesticas, do que das tristezas e miserias publicas.

O Senhor D. Luiz I, apesar das preoccupações de uma existencia tão activa e distrahida, como a que seguíra desde a infancia, acostumou-se de mui cedo a empregar na leitura, tanto dos livros da sua profissão, de que possue uma copiosa e escolhida collecção, como das obras poeticas de maior vulto os curtos ocios, que lhe consentiam os deveres militares.

N'esta parte, e em muitas outras, a vocação natural inclinava-o a apreciar os bons modêlos, e a deleitar-se na sua conversação, chegando a enlevar-se horas inteiras arrebatado pela admiração. Um notavel exemplo d'esta prenda, que nos principes tanto mais esmalta o caracter, quanto é menos frequente, foi-nos communicado pelo nosso amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho, o mimoso cantor da solidão e da melancolia, o primoroso traductor, ou mais exacto, o feliz competidor de Ovidio, tão seu parente nas qualidades do engenho e na mestria do metro.

Um dos filhos do nosso grande poeta, o sr. Augusto de Castilho, aspirante de marinha, o qual, sem até hoje ter aproveitado o seu intimo commercio com as musas, as trata e estima como quem sente em si o ardor da chamma divina, teve occasião de observar o muito que ellas mereciam ao gosto delicado do Principe. Era em agosto de 1860, e a curveta *Bartholomeu Dias*, entranhava-se pelas solidões do Oceano, em demanda do porto de Angola. Constou ao Senhor D. Luiz, que o novo aspirante, mancebo, e de uma familia em que os dons da poesia quasi se herdam com o berço, embora não houvesse produzido ainda os fructos, que a imaginação para bem poucos amadurece logo na primeira juventude, possuia já comtudo o precioso e entre nós rarissimo condão de sentir como nenhum as bellezas do verso, e de as incutir pelo ouvido na al-

ma do seu auditorio por meio de uma recitação tão affectuosa, tão rica de todos os tons e cambiantes, que avivam a fórma do pensamento poetico, que o trecho mais escolhido e admirado, passando pela sua voz parecia novo, ou outro, com tanta verdade e singelesa o expressava, com tão poderosa arte e tão insinuantes modulações sabia graduar-lhe as cores, e tocar-lhe os traços!

Os serões a bordo são monotonos, e muitas vezes doe de veras no coração do maritimo aquelle sonhar acordado por longo espaço sempre com os olhos nas aguas, nas estrellas, e na immensidade, de que o mar, envolto em silencio, e coberto dos véos da noite, é a mais sublime imagem.

Em que se ha de pensar ali senão na grandeza de Deus, senão na terra, nas suas illusões, e nas esperanças que de lá nos acenam, abreviando as distancias, e carregando os sorrisos de promessas?

N'essas horas, pois, que a idade do infante, e a do moço official tornavam ainda mais poeticas, o Senhor D. Luiz convidava o aspirante para a sua camara, e varias vezes, embebidos na leitura das paginas do auctor de Jocelyn, ou do cantor das *Folhas de Outono* e das *Odes e Balladas*, em quanto a phantasia lhes voava extasiada, nenhum dos dois advertia a rapidez, com que o tempo lhe fugia.

Quando as leituras se interrompiam por qualquer motivo, passavam de ordinario á apreciação e comparação dos poetas, e o Senhor Infante, discorrendo solto de preconceitos, e fóra da mais leve idéa de ostentação, desenvolvia n'estes colloquios, não só um largo conhecimento dos principaes escriptores de cada uma das linguas, que falla e escreve, mas o que ainda é menos vulgar, grande discernimento e apurada critica em extremar o bom do mau, e o melhor do bom.

A sua predilecção por Victor Hugo, o rei dos lyricos modernos, cujos cantos ama e relê de modo que, segundo se affirma, sabe de cór numerosos versos, confirma o juizo, que formam do elevado engenho de El-Rei as pessoas, que de perto o avaliam.

Nada mais acrescentaremos. Hoje o Senhor D. Luiz é Rei, e na vida dos reis encerra-se a historia dos povos.

Do Principe dissemos quanto bastava para se conhecer o que élle foi como filho, como irmão, e como official do mar. Começou o seu reinado. Principiou a escrever nas folhas ainda em branco a primeira lauda do seu reinado. Deixemos ao tempo a missão de o commentar.

Depois de tantos infortunios a Providencia mostrou compadecer-se, concedendo-nos annos de luz e serenidade. O novo Soberano aprendeu a reinar no meio das lagrimas. É a severa, mas necessaria lição da realeza n'este seculo. Sem padecer e chorar nunca se apreciaram bem os males alheios.

N'este momento tão suave para o seu coração, e tão festejado pelos subditos, El-Rei principia a encontrar a mais invejada recompensa, que póde satisfazer os virtuosos desejos de um Soberano. A sua alegria é a nossa. O ditoso enlace, que lhe estende os braços, as acclamações unanimes de duas nações, e as flores e palmas, de que milhares de mãos lhe juncam os caminhos, devem ter dito mais ao seu animo nobre e esclarecido, do que cem annos de servil adulação, seguidos de silencio e de indefferença depois do tumulo. Gloriosa continue a cingir-lhe a fronte a corôa de D. Manoel e de D. Pedro IV! Desdobre-se e ondeie sempre sobre o seu throno, pacifico e prospero, a bandeira azul e branca, hasteada pela mão victoriosa de seu avô, bandeira que symbolisa para nós em suas alegres côres a liberdade e os destinos da dynastia, que representa! Possa o Anjo,

que vem sentar-se ao lado do Senhor D. Luiz e que une ás graças da gentileza as prendas do espirito e os dotes da alma, nunca ter senão de enchugar as lagrimas do infortunio consolado pela sua ardente caridade!

Dois povos irmãos, duas raças antigas de reis, duas nações livres pelo heroismo de suas armas abraçam-se, e repetem em presença da Europa, que as applaude, a saudação sincera e cordeal dos velhos tempos.

Italia e Portugal, a patria das letras e das artes, a patria dos grandes navegadores e dos grandes descobrimentos, tornam a apertar depois de largos seculos os primeiros vinculos, que as uniram quasi ao saír do berço.

Dois vultos gigantes dos nossos dias, D. Pedro, Duque de Bragança, e Carlos Alberto, o rei heroe, sombras historicas, que nunca a saudade deixará esquecidas, assistem a esta hora ao grande facto que a esperança nos abençoa. A epopeia, que um principiou nos rochedos da Terceira veiu encerral-a o outro, martyr voluntario, no leito do soldado, leito escolhido entre os loiros immortaes da cidade, que merece a primeira recordação na historia de nossas luctas modernas.

Permitta Deus que o futuro confirme os vaticinios do presente, que nascida e retemperada pelo ar forte da liberdade uma geração de principes, igual a esta que tanto nos conhece e presa, e pela qual nós arriscámos, e arriscaremos tudo, perpetue a tradição herdada de paes e avós, inscrevendo em nossos annaes datas tão auspiciosas para o progresso e engrandecimento de Portugal, como a que estamos registando agora.

Quando os principes são queridos o povo é para elles uma segunda familia. Não admira por isso, que o consorcio do Senhor D. Luiz excite no peito dos que o amam o mesmo en-

thusiasmo, que a Augusta Filha de Victor Manoel, a graciosa Rainha dos portuguezes, deve a tantos milhões de italianos, que a saudaram na despedida, formando ardentes votos pela sua ventura. Os jubilos espontaneos e unanimes servem de premio aos bons, e de lição aos maus. Felizes os reis, que sempre assim encontram os subditos ao seu lado para os acompanhar no luto e no rogosijo. Metade da sua historia não precisa da posteridade para se gravar na memoria, porque principia escrevendo no coração de dois grandes e heroicos povos as suas primeiras paginas.

L. A. Rebello da Silva.

SUA MAGESTADE A RAINHA

A SENHORA

D. MARIA DE SABOYA

I

Vão longe, felizmente, os tempos, em que os consorcios dos principes muitas vezes eram regados de lagrimas pelos povos, e não poucas até por elles mesmos. A razão de Estado, severa e inflexivel, á maneira do sombrio numen, que o paganismo adorava acima de todos os deuses, já não invoca a ambição como superior aos affectos da humanidade, desprezando e rompendo os mais estreitos vinculos da natureza. Desde a sua aurora começou o seculo dezanove a descobrir menos carregados horisontes. A sorte dos subditos e a felicidade domestica dos principes não se calcula, nem se decide, como outrora, longe do coração e da verdade, correndo-se sobre ellas um véo espesso.

O exemplo da Senhora D. Maria de Sabyoa, esperança do reino, que adoptou por sua patria, orgulho e ufania da gloriosa terra, que deixa entre saudades, attesta o que dizemos.

No seu animo generoso entalhou uma esmerada educação, gravando-as profundamente, as prendas e virtudes, que são como o perfume divino da alma em flor.

Nascida em 16 de outubro de 1847 abriu os olhos no momento, em que, sujeita e prostrada a Italia, volvendo em si, fitava os olhos na cathedra de S. Pedro, esperando que descesse do Quirinal em linguas de fogo o verbo creador da sua desejada unidade, rediviva, para se levantar do captiveiro, e, reunidos em um só corpo os membros dispersos, soltar depois da respeitada voz de Pio IX o grito, que tantas vezes fizera estremecer de jubilo e de ardor guerreiro as suas opulentas cidades, e as suas ferteis campinas.

N'esse tempo, não só a patria das artes, mas a Europa inquieta, contemplava, quasi com terror, a claridade, ainda duvidosa, d'aquelles arreboes, que vinham despontando, não sabendo se elles lhe anunciavam a esperança, ou novos dias de tempestade. Ajoelhada nos templos, a liberdade aguardava entre canticos e nuvens de incenso a promessa do Vigario de Christo; e os mais credulos, ou os mais intrepidos, imaginavam ouvir já do alto do Vaticano a sublime palavra, que devia continuar na sociedade moderna a missão regeneradora do sacerdocio, repetindo, accommodada aos tempos actuaes, a fecunda promessa, com que do Golgotha Jesus conquistára o mundo, despregando as mãos da cruz para com uma d'ellas nos guiar pelo amor, e com a outra nos ensinar a igualdade.

Quando a Princeza mal ensaiava ainda os tremulos passos da infancia, tudo mudou, e repentinamente. O chão tremia com o gallope despedido dos esquadrões, que se encontravam; o trovão das batalhas, depois de rolar ao longe entre acclamações, accercando-se mais e mais, annunciou por fim em Mor-

tara e Novara as exequias da independencia. O fumo dos canhões e dos fuzis disparados, veiu cegar de subito com uma cortina funebre a vista do formoso sol, que allegrava os sorrisos innocentes da Filha de Victor Manoel. N'esses dias de desalento e dor, a Italia, mãe de tantos heroes, depositária soberba de tantas recordações, viu indignada os inimigos forjarem-lhe novas algemas com o ferro das espadas!

Sobre o seu berço, orvalhado dos prantos de uma santa, a Rainha sua mãe, e entristecido pelo luto de tantos revezes, a Senhora D. Maria de Saboya na descuidada candidez infantil, que torna tão ditosos os anjos da terra, mal podia divisar então por entre sonhos o grande vulto de Carlos Alberto, que ainda na vespera buscára a morte do soldado como digno remate da empreza malograda. De certo não sentiu poisar-se-lhe na fronte o osculo ardente d'aquelles labios, que lhe diziam o adeus final de uma nobre alma dilacerada, nem enthesoirou, como talisman precioso, duas lagrimas, as derradeiras, que rebentaram d'aquelle peito magnanimo, e que, furtando-se quasi envergonhadas, cairam congeladas em perolas sobre uma das mãos da Princeza, sobre a que Deus já a essa hora tinha fadado para unir os destinos de duas dynastias.

No dia seguinte, convertendo a cruz de Saboya em symbolo do martyrio voluntario, a que se offerecêra, Carlos Alberto, lançava a purpura sobre os hombros de seu filho, e deixando a corôa partida sobre o elmo de cavalleiro, vinha pedir a Portugal o repouso de alguns dias de silencio e meditação, e alguns punhados da sua terra mais heroica para sepultar de baixo d'ella, não a gloria do nome, porque esse ficou immortal, mas o que havia de humano e fragil nos desastres, que o precipitaram em poucas horas das eminencias do throno para

as tristezas do exilio. Caracter fundido de bronze antigo, resignou-se a expiar, elle só, os infortunios do seu povo; e em quanto cada dia, que se deslisava lento, lhe agravava uma das feridas recentes, o futuro, em compensação, para o consolar, segredava-lhe de longe como esperança vaga o que a fortuna por fim realisou.

A espada da Italia, que elle não quiz render, nem trocar por um diadema, ficou sobre o seu sepulcro, até bater a hora. Quando doze annos depois as aguias do segundo imperio desferiram os vôos, e remontando-se por cima dos cumes nevados dos Alpes, voltaram altivas a dominar aquellas planicies famosas pelas campanhas de Napoleão I, Marignan, Magenta, e Solferino, novos marcos erguidos na estrada milliaria dos triumphos bellicosos da Italia, viram o estandarte de Victor Manoel hasteado em Millão, os primeiros florões da côroa de ferro de Carlos Magno abrilhantados ao fogo das pelejas, e a espada de Carlos Alberto, reluzindo outra vez ao sol das victorias, como instrumento fatidico da suspirada redempção.

II

A Senhora D. Maria de Saboya contava sómente sete annos, quando uma enfermidade cruel arrebatou a rainha D. Maria Adelaide. O que valia em thesoiros inapreciaveis de bondade e de fervorosa crença o coração da Princeza, que Deus chamava a si, affirmam-no sem adulação os louvores de quantos a conheceram, e melhor ainda as lagrimas dos que a sua ardente caridade arrancava aos tractos da miseria e da orfandade. Austriaca pelo sangue, porém italiana nos sentimentos, os seus ultimos annos foram uma provação constante durante a terri-

vel lucta, em que de um lado o esposo, do outro os irmãos e os parentes mais chegados disputavam palmo a palmo o solo retalhado da patria, á qual no amor já queria mais, do que á propria que lhe déra o ser.

Que sobresaltos de todos instantes! Que gemidos suffocados no segredo de suas vigilias! Quantas orações, começadas entre a incerteza e a agonia de uma anciedade, que de momento para momento se exacerbava, não subiram ao céo, humidas dos prantos de seus olhos! Santa lhe chamaram os subditos, e como santa expirou, quando o Senhor compadecido apressou para ella em tão viçosa idade a hora de quebrar o seu desterro, e de se resgatar dos golpes redobrados de tantas amarguras. Se não fossem os tenros penhores, que deixava privados dos carinhos maternos, que saudades levaria do mundo, senão as do Esposo e da terra adoptiva, os quaes lhe cortaram as unicas flores, que lhe podiam suavisar os dolorosos trilhos da existencia?

Mas aquella alma pura e santa por um milagre de ternura infundiu-se na alma de duas Filhas. As perfeições, e a gentileza da Mãe reviveram em ambas ellas, e tanto a princeza Clotilde, na corte imperial, como a Senhora D. Maria de Saboya, na de Turin, justificaram a espontanea admiração, que sempre souberam inspirar a naturaes e a estranhos.

Na familia, de que descende, as virtudes são hereditarias, assevera no seu conceituoso juizo o sr. Marquez de Sousa Holstein, cuja penna sentimos que por causa de ausencia seja supprida pelos traços fugitivos a que o aperto da hora e da occasião sujeitam a nossa. Desde a Rainha D. Mafalda, a esposa de Affonso Henriques, princeza, cujo animo devoto e piedoso confirmam numerosas fundações dotadas em favor dos peregrinos

e dos enfermos sem abrigo, quantos nomes, de que se ensoberbecem com motivo os fastos da egreja, não trocaram as galas e illusões do seculo pelo cilicio, pela mortificação, e pela vida contemplativa da clausura?! O Pae de D. Mafalda, o conde Amadeo, cavalleiro de Christo avistou duas vezes a Palestina nas cruzadas contra os infieis. Perto de nós, e quasi nosso contemporaneo, um dos ultimos reis do Piemonte, — Carlos Manoel IV, amortalhando todas as vaidades no humilde habito de noviço, recolhido em um convento de Roma cravou com tanto ardor a vista no empyreo, que nunca mais soube abaixal-a para o mundo.

De que serviria citar mais exemplos, ou evocar outras sombras não menos veneradas? Não foi só ás armas que a casa de Saboya deveu a illustração, que a torna uma das mais antigas e enobrecidas da Europa. A corôa singela da santidade, menos ostentosa, porém mais solida, não esclarece de menos vivas côres a phisionomia dos varões e princezas, que Deus elevou por outros caminhos mais estreitos: — os da penitencia e da bemaventurança.

A rainha dos portuguezes é Filha d'esta mãe, e neta d'aquelles modêlos de virtude e caridade. A Providencia enriqueceu-a com as qualidades do espirito. A sua piedade não póde ser excedida. A sua caridade é inexgotavel. As associações das escolas pobres de Turin saudavam nella o seu anjo tutelar. Visitando-as com frequencia, a sua meiga protecção era como uma esperança do ceo, raiando no meio das trevas e desconsolo. Subir a Deus com o espirito, e descer com o coração aos que padecem tem sido até hoje o suave emprego de toda a sua existencia, que apenas enceta a primavera dos annos.

A viveza da imaginação meridional tão inclinada a matizar

os sonhos, que enlevam as almas puras, retrata-se-lhe na vista e na expressão do semblante. A modestia e a affabilidade, fazem sobresair ainda mais o engenho prompto, e os dons opulentos da variada instrucção, que recebeu. Na falta de sua Mãe encontrou nos desvelos da Senhora Condeça de Villamarina o maternal affecto, e os cuidados, que podiam confirmar as felizes disposições, de que nasceu prendada.

Que mais acrescentariamos, que não fosse por ora temeridade, ou imprudencia? É uma Rainha de quinze annos, cercada de todas as graças naturaes e adquiridas, cujos dias entretecidos de luz, de boas obras, e de santas esperanças, correram até hoje socegados, e sem estrondo, por baixo das abobadas virentes dos jardins encantados da sua querida Italia. A pagina até agora escripta d'esta vida, que é toda rosas e sorrisos, quem a sabe são os pobres. A que vai principiar entre nós com a nova existencia de esposa e de mãe de um povo, que acima dos esplendores e magnificencias admira n'ella as qualidades de sua mãe, e o enthusiasmo do bello, ditoso condão de sua primeira patria, Deus a mandará escrever pelos seus anjos.

III

Voaram as horas, e fugindo espargiram do regaço alastrado de flores os myrthos e as rosas.

Eil-a que aponta entre festivos hymnos, predestinda pela esperança, a venturosa armada! Dado hontem o ultimo adeus aos viçosos vergeis de Genova, hoje o mar, os astros, e os destinos guiaram-na entre risos, deslizando por cima de vagas azuladas, e brincando com os zephyros, ao seio da opulenta bahia do Tejo.

No tope dos mastros fluctuam e beijam-se entrelaçadas, co-

mo duas irmãs amigas, as côres de Italia e Portugal, côres que a victoria realça e a liberdade exalta. As prôas orgulhosas ornam-se de trophéos; e a grande voz de duas nações heroicas, cujo passado é tão nobre, cujos auspiciosos futuros a Providencia encerra em suas mãos, repete com fervoroso enthusiasmo uma só,—a mesma saudação.

Eil-a a Rainha dos portuguezes! A nova patria lhe estende os braços, e amorosa, rendida como a terra do seu berço, junca-lhe os caminhos de palmas e boninas. Estes são os jardins do Tejo, que se enfloram entre cintos de verdura. Estas são as portas do ocidente; o sol despede-se d'ellas com o mesmo osculo doirado, que pousa na formosa fronte da Italia, coroado do seu invejado diadema pelas letras e artes. Este é quasi o mesmo ceo, que sobre o vosso berço de purpura, embalado pelo suave murmurio do Pó, desdobrava aquelle esplendido toldo de noites perfumadas, em que scintillam os diamantes de suas estrellas sem conto!

Estais em Portugal, Senhora! Avistais as margens e as torres que viram partir o primeiro almirante dos mares da India, e aonde tantos triumphos e conquistas ergueram dignos padrões, emulos da fama que immortalisa os campos da vossa patria. Filha de Victor Manoel, Neta de Carlos Alberto, o solo que pizaes foi duplamente sagrado pelo sacrificio de dois Principes. Aqui repousa sem corôa o imperador D. Pedro, que trocou dois sceptros por uma espada; alem, no Porto, sobre os loiros ceifados por elle, adormeceu do somno dos heroes vosso glorioso Avô, o fundador da unidade italiana. Sede bem-vinda, Rainha de Portugal! As vossas e as nossas memorias dizem á Europa uma das mais bellas paginas, que n'este seculo de prodigios e transformações até hoje escreveu a historia.

Dois soldados, cujo tumulo guarda a saudade, abençoam o throno a que subis no meio das acclamações dos subditos. Sabereis quanto Portugal vos quer, lendo no rosto do povo os jubilos do seu amor. O que a alma de um reino inteiro sente a esta hora, exprimem-no os labios com alvoroço. Na coroa que é hoje vossa cada uma das joias recorda um grandioso feito. É Ceuta, Argilla e Tanger. São as victorias de D. João I; são as pareas do Oriente, engastadas com os rubis e perolas de Goa, e Malaca, de Diu, e Ceilão. São finalmente as ultimas proezas que avivaram o brazão das Quinas, alçando-o triumphante entre a liberdade e a independencia!

Senhora! Cada pagina, que volverdes no livro d'esta terra, que já vos estremece como filha, vos lembrará uma data memoravel, um monumento de nossos antepassados e dos vossos. Que poema para o coração e para o legitimo orgulho de uma Princeza! Vêde que é a corôa de D. Mafalda e o throno de Affonso Henriques! O segredo que o porvir esconde por entre as flôres de esperança, que a mão do hymeneo esfolha, a alegria que inunda a tantos peitos unanimes em vos saudar, não vos assegura que é o fausto presentimento da nova era, que vai abrir-se? Ao alvorecer para esta monarchia o radioso dia da sua fundação um soberano guerreiro tinha a seu lado uma de vossas Avós, e no brando sorriso d'ella adivinhava a promessa das maravilhas, com que Deus lhe dilatou os annos e o imperio; agora que luctamos em diverso campo, não menos trabalhoso, o do progresso e da liberdade, e que renascem n'outro Anjo da mesma Familia as sublimes perfeições da primeira rainha de Portugal, renascerão com ella tambem, assim o esperamos, as prosperidades, para esmaltar os annaes da terra adoptiva. Ha coincidencias na vida das nações, cuja significação só os

annos revelam. Confiemos nos sorrisos da Providencia. O espirito de Deus não está longe, quando os factos accusam a sua sombra!

L. A. Rebello da Silva.

VATICINIO

Meia noite! o campo, mudo!
êrmo horrivel a cidade!
só na etherea immensidade
se vem lumes a scismar!

Tu me abraça, eu te saúdo,
noite cara a amor e aos cantos.
Prophetisa, mãe de encantos,
pois sou teu, vem-me inspirar.

Que me importa o sol e o dia,
que só mostra o que é presente,
e em seu vórtice fervente
desatina as multidões?

Co'as estrellas, co'a poesia,
co'a mudez meditabunda,
só tu, noite, alma e fecunda,
e ignorado á mente expões.

Se invocas o futuro,
se evocas o passado,
no teu sacrario obscuro
brilham clarões do Fado.

Ao Homem que hoje é simbolo
de um povo, o povo meu,
qual foi, qual é o horoscopo,
que amor emfim teceu?

Noite, inefavel magica,
faze-m'o ver e amar;
do seu destino a Arbitra
lá vem rasgando o mar.

O ouvido, attento, sôffrego,
nesta mudez geral,
já Lhe pressente o anhelito
do seio virginal.

De instante a instante acerca-se;
breve entre nós será.
¿É dom funesto, ou próspero,
o que desponta lá?

Falla, immortal fatidica;
revela o teu poder;
abre-me os teus oraculos;
sei teus misterios ler.

Que ouvi no Estreito de Hercules?
Que ouvi na Herminia Serra?
Sons de festivos canticos!
Ecos d'estranha guerra!

No monte baluarte lusitano,
ao bater da encantada meia-noite,
resurgiu Viriato, o ferreo açoite
do invencivel, 'te 'li feroz romano.

Com elle os seus valentes pegureiros
saltaram em tropel das sepulturas;
fantasmas com surrões por armaduras,
com maças espectraes inda guerreiros.

De olhos longos no pincaro mais alto,
para o Mediterraneo eil-os absórtos.
Vem lá frota d'Italia! Ai, mortos! mortos!
como hão-de rebater-lhe o fero assalto!

Ás columnas herculeas no entanto,
acostadas, co'as plantas nas vagas,

as sereias, de gloria presagas,
com diademas de myrthos em flor,
mandam bençãos nas azas do canto
ao baixel que das costas d'Italia,
como a concha da bella Acidalia,
traz as Graças, cortejo do Amor.

CORO DAS SEREIAS

Vaga melodia,
cytharas e frautas,
pela undosa via
soam para os nautas
na mudez sombria.

Sós, num mar de prata,
sob a lua cheia,
musica tão grata
n'alma lhes retrata
a nativa aldeia.

Cuidam vir sonhando
musica nas aguas;
somos nós cantando,
nós que as suas maguas
vimos dissipando.

CORO DOS ESPECTROS NO MONTE HERMINIO

Ouvi... oiçamos estes sons remotos,
que, não sei donde, cá nos manda o mar!

e a armada avança! que será! que votos,
hoste sem vida, nos convém formar!

AS SEREIAS

Armada doirada, toldada de flores,
de Lysia e d'Ausonia tremúla bandeiras;
co'as velas tufadas, co'as rodas ligeiras
avança em triumpho com bençãos d'amores.
Triumpho! triumpho! triumpho á tão linda
Sereia d'Italia! bem-vinda! bem-vinda!

OS ESPECTROS

Já não são pois do horrendo Capitolio
fulmineas aguias, capitães traidores!
É Deusa Amante! marciaes pastores,
a laurea serra lhe daria um solio.

AS SEREIAS

Mande-se, irmãs, num sonho este cantar nocturno
á Donzella Feliz, á Magestosa Flor,
que do mais regio tronco em terras de Saturno,
furtou por sua mão, e a traz soberbo, o Amor.

Vem para a Lusitania, a Italia do occidente,
patria de antigo povo, em largo mundo rei;
berço de homens Tritões, que ao nosso mar fremente,
a Marte, a Adamastor, deram co'o jugo a lei.

OS ESPECTROS

Ai que terra de gloria a nossa terra!
Morta a lacial Bellona que a affrontava,
eis Lysia irmã da Italia, em vez de escrava!
Brotae, palmeiras, pela Herminia Serra!

AS SEREIAS

Nós, musas marinhas nas grutas de escumas,
outr'ora ás Sibyllas de Tibur e Cumas
ouvimos cantar:
Que um dia viria Maria aos dois povos
tecer fados novos,
e aos lustres herdados mais lustres juntar.

OS ESPECTROS

Ouvi! ouvi... que nome auspicioso!
simbolo de resgate e liberdade!
Maria! Ó quatro vezes venturoso,
quem logra a vida em tão propicia edade!

AS SEREIAS

Ó Tronco Bragantino,
que o próspero destino
cobriu d'aureos troféos,
sublime te alevanta;

amor te enxerta a Planta
mais cara a terra e ceos.

Chove-te um Deus seus mimos.
Fructos vais dar opimos
ao Luso Portugal:
co'a Regia Descendencia
firmar a independencia
do teu paiz natal.

OS ESPECTROS

Sim, terras do terrivel Indovelico,
seculos dois por nós independentes:
paz e amor, liberdade e esforço bellico
vos dem reis de Viriato descendentes.

AS SEREIAS

Lemos do Fado o livro aberto
á luz do facho d'hymeneu:
Victor Manoel, Carlos Alberto,
D. Pedro Quarto, o neto seu,
turba de Heroes e de Heroinas
do mais esplendido fulgor,
á sombra placida das Quinas
vão renascer, graças a Amor!

Qual dentre as ondas surge um astro,
lá vem a urna d'alabastro,

Virginea, Mistica, Vivente,
em cujo seio o Omnipotente
de destinos tão seus, os germes quiz depor.

OS ESPECTROS

Dormimos oito seculos sepultos
sonhando sempre gloria aos netos nossos.
Quem nos hoje animára os frios ossos,
que a Mulher Tal podessemos dar cultos!

Esvaiu-se a visão. Calou-se o mar e a serra.
O tacito baixel que o grão futuro encerra,
á luz da Mãe de Amor, nos astros immortal,
vinha rasgando ufano o liquido cristal.

E a Princeza dormia. A azul immensidade
bafejava-lhe paz. Co'as flores da saudade
respirava sonhando as rosas do prazer.
Ah! d'essa alma virginea as commoções dizer,
só o anjo que a proteje acaso poderia.
Triste e risonha, a bella, a candida Maria,
vê traz si, a fugir-lhe, a patria, o berço, o pae,
e a infantil liberdade. A Italia já lá vai,
sepulta, e para sempre! Em terra alem, distante,

que a proa inda não vê, vê Ella a cada instante,
a aguardál-a insoffrido, os olhos sempre ao mar,
um Rei Joven e Heroe, que Lhe ensinou a amar,
que A tornará feliz, e que o vai ser por Ella.

O solo que demanda, é outra Hesperia bella:
ar, sol, torrão, varões, renome... é tudo igual!
Vai ter de novo a Italia entrando em Portugal.
Bosques de fructos d'oiro, alegres laranjeiras,
por quem dariam tudo as terras estrangeiras,
nem vós, nem vós faltaes a dar aqui a amor
sombras e inspirações, e á noiva a argentea flor.
Por isso a tão Saudosa Ingenua Virgem ri,
como a nublada aurora ás portas de rubi
do mundo que a festeja; indecisa um momento
entre os ceos que além deixa, e um novo firmamento.
Dorme! dorme, ó Ditosa! a amor e á gloria vais.
Embale-Te aura amiga; as horas festivaes,
antecipem-Te em sonho as proximas venturas;
e a Santa Mãe que em Ti se mira das alturas,
co'as bençãos do Senhor Te cubra. Acordarás
Soberana amanhã. Virgem, repousa em paz.

Despertam-Te os canhões! lá vem festiva a terra!
vãs saudades... adeus! Teu jubilo as desterra.

É Lisboa! é Lisboa! a inclita! a real!
que por arcos de loiro, alegre e triumphal,
Te saúda e Te hospéda! A voz da grão Lisboa,
de eco em eco a medrar, co'o Nome Teu rebôa
aos ultimos confins do ufano Reino Teu.

Lá vem, lá chega o Rei que amor Te submetteu;
abraça-O; já sois um; subi ao throno; impéra
sobre Elle e sobre nós; os fados nos prospéra;
aperta solio e povo em novos e aureos nós;
a Elle, Inspiradora; exemplo a todos nós.
Olha como a Teus pés as Tagides formosas
Te alastram em tapete as mais fragrantes rosas!
celebra-Te a poesia; o templo Te bemdiz;
o pobre Te abençôa; ao pobre, hoje feliz,
dos loiros Teus á sombra ao longo da cidade
banqueteia em teu nome a terna caridade.

Basta, Senhora! eu creio em Teu Real condão.
Futura Mãe de Reis, já Mãe da multidão,
escuta o que hoje um vate, obscuro, amigo, serio,
Te exóra fervoroso a bem de todo o imperio.

Vivas, salvas, festins, a noite envolta em luz,
vão passar. Amanhã, de quanto hoje reluz,
tumultúa, pompeia, encanta, o que nos resta?
um loiro aos pés calcado; os ecos d'uma festa;

o aborrido cançaço; o escuro; a lida vã.
Tal d'este hoje fastoso o misero amanhã.

Melhor, melhor triumpho, immenso, duradoiro,
compete ao Joven Par que ascende ao solio d'oiro:
Fundae a nova escola; a escola maternal;
cheia de luz e amor, como a alva matinal;
qual o meigo Jesus sem duvida a amaria.

Ao nome de Luiz, ao nome de Maria,
escriptos no frontão de asilo tão feliz...
sim, de Maria ao nome, ao nome de Luiz,
quem não vê que a ignorancia estulta e desdenhosa
vai recuar confusa? a infancia carinhosa,
colhe, por vós chamada ás fontes do saber,
os fructos da instrucção co'as flores do prazer.

Dos factos a evidencia em breve se irradia;
e com mais persuasão que a só philosophia,
attrae, venceu, domina. O ensino vão e algoz,
da cáthedra usurpada, em que a estulticia o poz,
e em que ha mil annos queima as patrias esperanças,
desapparece. Então, co'os hymnos das crianças,
paes, mães, um reino todo, entrado a mais feliz,
abençoarão Maria, abençoarão Luiz.

Antonio Feliciano de Castilho.

ALVOROÇO

Para consorte d'elle, anjo em princeza occulto.
(Castilho — 1.ª *Epistola a S. M. a Imp. do Brazil.*)

Ao sol da Italia artistica
nasceste, ó Bella Diva,
da Italia rediviva
que soa glorias mil;
que, sem temer dos seculos
a mão sempre homicida,
respira a antiga vida
donosa e senhoril.

Na tua aurora fulgida,
sorrindo o ceo vestia
mais galas do que o dia
pompeia no arrebol:
feliz no teu horoscopo,
ó Inclita Princeza,
exulta a natureza;
tem luz mais viva o sol;

sussurram brandos zephyros
d'amor canções suaves;
trinam hosanna as aves;
dá novo aroma a flor;
cantam celestes jubilos
os anjos nas alturas.
Assim prediz venturas
aos justos o Senhor.

Depois em annos rapidos
cumpriu-se a prophecia:
em ti medrar se via
um genio d'eleição.
Que val a pompa frivola
que ao vulgo a vista illude?
da candida virtude
é templo o coração.

Não foi reflexo ephemero
da terrea magestade
que no viçar da edade
te fez resplandecer;
cingias uma aureola
que em mundos se dilata,
que vai da patria ingrata
á Patria do Prazer.

Talvez o influxo magico
do teu condão bemdito
fez rebentar o grito

que á Italia vai salvar.
Talvez ?! oh foi sem duvida
anjo em princeza occulto,
a quem pertence o culto
de Numen Tutelar.

Tornaste mais esplendido
o throno lusitano,
ao joven Soberano
doando o coração.
Oh vem, Rainha, enflora-lhe
o sceptro ha pouco em luto,
o sceptro mal enxuto
dos prantos da nação!

Serás mais pura Egeria
de novo e melhor Numa;
talvez em ti resuma
mil bens este paiz.
Quiçá gelada mumia,
a forte monarchia,
ao nome de Maria
resurgirá feliz!

Ditoso tal consorcio,
que, por fraterno abraço,
estreita num só laço
Italia e Portugal!
dois povos que, sollicitos
no altar da liberdade,

a essa divindade
dão culto perennal.

De rosas tens um thalamo,
um solio tens d'amores;
unisono em louvores
o reino ha-de ecoar.
Ja vês em cada subdito
erguido altar d'affecto;
ja vês ridente aspecto
em ceo, em terra, em mar.

A. S. de Cabedo.

O ANJO

Carlos Alberto, o Campeador de Italia,
ao ver fugir-lhe o anjo da victoria,
o diadema arrancou; mas cingio outro
— o diadema dos martyres, que o foram
do resgate dos seus. E, peregrino,
um tumulo buscou em livres plagas,
e vio sobre as sevèras penedias
d'aquelle torvo Douro, entre os destroços
de heroicas pugnas, o paladio, o berço
da Liberdade. «É aqui!» o martyr disse.

E o Porto, a um tempo, amargurado e alegre,
sahe ao encontro do Rei, e os pés lhe inflora.
O bravo de Novara erguia a fronte,
alquebrada de magua, e o regio aspeito
abria n'um sorrir de grata alma.

Aquelle povo amava o Rei sem reino;
amava a desventura com tal porte
de coragem christã, paciencia, e honra.

Quando o Rei se escondeu em soledade,
n'um recanto do Porto, e ali, cruzando
as mãos serenas sobre o peito anciado
em ancias d'outra luz, sorria á morte,
este bom povo d'esta livre terra,
em chusmas se ía aos atrios do seu hospede,
e, triste e lagrimoso, perguntava
pelo Rei, pelo amigo, e pelo santo:
— que «santo» lhe chamavam quantos viram
Carlos Alberto a oscular a imagem
da Virgem Mãe de Deus, que, desde o campo
da batalha final, com elle fôra
na dolorosa via do desterro.

Chamára Deus o martyr. Morre. E a nova
nos bronzes vai gemendo, e o povo chora.
O cadaver, cercado de mil cyrios,
está patente; e o povo ora em joelhos,
e crê que tem por si nos céos um santo.

Estava em gloria divina
a alma santificada
pela dor de ver quebrada
contra a servidão a folha
da cavalleirosa espada.
Estava em gosos dos céus
o coração, que levára

ao seio do eterno Deus
sua redemptora esp'rança,
que na terra não vingára.
E, de lá, vendo que dôr
deixa ao triste Portugal,
cobra-lhe extremos de amor
como a terra a quem pedíra,
na sua angustia mortal,
um leito d'onde desfira
o seu alento final.
E, grato aos prantos do povo,
pede a Deus um dos seus anjos,
para dar exemplo novo
de affeição a Portugal.

Concedeu-lhe o Senhor um dos seus anjos.
Eis, n'um raio de sol e graça, desce:
veste as fórmas humanas; eil-o virgem
com quantas prendas seraphins lhe ensinam.

Diz o santo ao seu Deus: «Aquelle anjo,
«que me destes, Senhor, é de meu filho
«a filha amada: inspirai-os ambos.
«Fazei que ella me seja o dom celeste
«com que eu possa pagar a portuguezes
«o muito que me deram de seus prantos.
«Concedei-m'a, Senhor, que eu quero dal-a
«ao rei dos homens livres.» Disse; e o Eterno,
sorrindo á gratidão da nobre alma,
ao Rei de Portugal concede o Anjo.

Camillo Castello Branco.

PATUIT DEA!

Eil-a! chegou! bem-vinda!
bem-vinda sois mil vezes!
Em rostos portuguezes
intimo amor sorri.
É vossa patria a Italia;
temos egual aurora...
bem-vinda sois, Senhora,
bem-vinda sois aqui!

Oh! quem não ama a Italia,
ninho onde vos creastes,
jardim por onde errastes
inda com debil pé!
Oh! quem não ama a Italia,
do genio a mãe querida,
Italia — a que deu vida
a Garibaldi até!

Bem-vinda sois! Do povo
ergue-se a fronte nobre;
o que trabalha, o pobre,
tambem por vós se ergueu:
—«Eil-a! chegou!—bradava,—
«bem haja a Providencia!...»—
de raios d'innocencia
vos inundava o ceo!

Eil-a! Como a estrellinha
que pelo ceo deriva,
sorricis pensativa
de angelico pudor;
o olhar do Rei, do Esposo,
deu-vos na face pura...
que sonhos, que ventura,
naquelle olhar d'amor!

Corrèra um vago affecto
por tantos centos d'almas;—
que refloridas palmas!
que alegres saudações!
unia-se, estreitava-se
num fraternal abraço,
a patria audaz do Tasso
co'a terra de Camões!

Creou-se a luz! Bem-vinda,
bem-vinda sois mil vezes!
Em rostos portuguezes

íntimo amor sorri.
Neste torrão bemdito
tendes a patria agora.
Bem-vinda sois, Senhora,
bem-vinda sois aqui!

E. A. Vidal.

AL TAJO

Con motivo del regio enlace

¡Quien no te admira Tajo magestuoso
brillante espejo de la azul esféra,
si de tus ondas el raudal copioso
á millares los astros reverbera!

Ay! yo le ví nacer humilde rio
allá en los montes de mi amada España,
y el mismo Tajo con pujante brio
de la imperial ciudad los campos baña.

Testigo fué del español denuedo,
y el triunfo ensalzan sus arenas de oro
del Rey cristiano que ganó à Toledo
en las sangrientas lides contra el moro.

Reflejan sus cristales trasparentes
de la antigua ciudad los torreones
que alzan gallardos sus altivas frentes,
de sus glorias perinclitos blasones.

La catedral, del genio obra divina,
el alcazar de piedra, audaz gigante,
se miran en el agua cristalina;
y del Tajo el caudal crece arrogante.

El dique rompe que su sien circunda;
se estiende el rio como inmenso lago,
los arboles desgarra, el campo inunda,
y en su curso veloz siembra el estrago.

Del crudo invierno acrece los rigores;
impetuoso torrente se desata;
espanto de los pobres labradores
los ganados y mieses arrebata.

Mas tambien en la dulce primavera
contemplé enagenado su onda pura,
de rosas esmaltada la ribera
cuando Aranjuez ostenta su hermosura;

Y claro y terso copia los primores
de frondosos, magnificos jardines,
paraiso de amor, Eden de flores,
y encanto de tres bellos serafines.

De álamos gigantescos enlazados
sus anchas copas escalando el cielo
esmalta el rio en hilos plateados,
su vapor exhalando en blanco velo.

De nivea espuma en lluvia de diamantes
en cascada desciende cadencioso,
y sus gotas resaltan cual brillantes
á los rayos del sol esplendoroso.

¡Oh! cuan ufano entonces se engalana
retratando beldades seductoras,
flores de nácar y purpúrea grana,
luceros de oro y nítidas auroras!

Torna veloz, risueña primavera,
y al apacible son de la onda pura
gozaré al ver la plácida ribera
cuando Aranjuez ostenta su hermosura.

¿Pero es el Tajo que soberbio avanza
á las costas del reino lusitano?
Con noble magestad sus ondas lanza
en el profundo seno del Océano.

¿Que mole gigantesca le domina?
Del Tajo orna la sien férrea corona,
un puente obra del arte peregrina
que el ingenio de Page audaz pregona.

Genio del siglo, espíritu moderno
que el progreso y las ciencias enaltece:
el vigoroso aliento del eterno
en tantas maravillas resplandece.

Aumentan la corriente de los mares
las claras linfas de bruñida plata:
lejos el rio de los patrios lares
se engrandece, se estiende, y se dilata:

Es un inmenso mar Ved cual descuella
al albor matinal rica en palacios
la espléndida Lisboa, ciudad bella
ornada de zafiros y topacios.

Matrona que gallarda y vaporosa
se mece en la onda azul como su cielo.
al rayo de la luna misteriosa
hada divina envuelta en blanco velo.

Faro de la esperanza, puerto hermoso,
libras de las borrascas al marino,
y en tu seno le acoges cariñoso
estrella tutelar de su destino.

Diosa cual Venus de las aguas brotas
tus pies besando la onda cortesana:
te rinden homenage islas remotas,
y eres del Tajo la feliz sultana.

Cuna de reyes de animo esforzado;
Alfonso y D. Manuel, nobles campeones,
sueñan en un imperio dilatado;
y tremolan triunfantes sus pendones.

Las naves surcan el revuelto seno:
del remar de los botes la porfia
llenaba el corazon bajo un sereno
firmamento, radiante de alegria.

Camino un tiempo de esplendentes glorias
fuiste, ó sagrado rio, á Magallanes;
que abrio campo á las célebres historias
de invencibles, ardientes capitanes.

Asia, América, y Africa, y el mundo
pregonan su valor y excelsa fama,
la sien ornando con laurel fecundo
al héroe, al inmortal Vasco de Gama.

Ataïde, Albuquerque, Almeida y Castro
cruzan armados de la fé divina
los vastos mares: de la gloria el astro
sus frentes victoriosas ilumina.

Y la estrella del noble pensamiento,
genio admirable, se alza magestuoso,
de Portugal magnifico ornamento
de los Lusiadas el cantor famoso.

De sus lauros, venturas y grandezas
resonó el eco en la nacion hispana,
¡y si admira la España sus proezas,
cómo no ha de quererla si es su hermana!

España y Portugal triunfos iguales
en ambos hemisferios realizaron,
y juntas en combates inmortales
su sangre y sus tesoros derramaron.

Los huesos de sus hijos confundidos
cubre la misma tierra infortunada,
los llama héroes la historia aunque vencidos
de **Alcazar** en la trágica jornada.

Entre pueblos idólatras, lejanos
difundieron la luz del cristianismo,
las dos tambien en dias mas cercanos
combatieron al fiero despotismo.

Rámas de un arbol, de una misma raza,
¡cómo si se confunden en la historia,
y un territorio mismo los enlaza,
el porvenir no hará comun la gloria!

El poeta henchido de entusiasmo santo
consagra un himno á tan glorioso emblema:
¡ay, si estampara con su debil canto
una flor de oro en tu imperial diadema!...

II

¿Mas por qué reflejando la alegria
se viste el Tajo de brillante gala?
por qué puebla las ondas de armonía
y májicos conciertos hoy exhala?

Le surcan en tropel naves veleras
ostentando bellisimos colores
flámulas, gallardetes y banderas
como pensil de peregrinas flores.

¿A quien rinden tributo respetuoso
las ondas de ese rio alborozadas?
y con grato murmullo cadencioso
caen ante una nave prosternadas?

Es una nave airosa y esplendente,
que al rasgar con su quilla las espumas
mecida por la ola trasparente
semeja un cisne de nevadas plumas.

Besan las auras la ligera lona,
el pabellon de Italia flota al viento,
y ostenta el pabellon régia corona,
tronando el bronce con robusto acento.

¿A quien rinden sonoras tanta salva?
A virgen bella en cuna real mecida,
primer rayo purisimo del alba,
flor del vergel de Italia desprendida.

Salve, futura reina! Astro de amores
brillarás en el cielo Lusitano;
te brinda la ciudad palmas y flores
al ascender al solio soberano.

Princesa ilustre de la Italia bella,
no llores de tu patria al abandono:
porque otra patria encuentras y con ella
de un joven rey el corazon y el trono.

Será prenda de union tu hermosa mano
que enlace los colores en la historia
del pabellon de Italia y lusitano:
blanco, verde y azul, signos de gloria.

De paz el blanco, el verde de esperanza,
y de cielo el azul: ay! del consuelo
eres el angel: pues tu reyno alcanza
la esperanza, y la paz tambien el cielo.

Un rey y tierno hermano hondo tributo
rinde á triste memoria, y tu alma para
tras dias de dolor y amargo luto
aparece cual iris de ventura.

Hija de un pueblo libre y esforzado
que conquistó la santa independencia,
y á un porvenir glorioso está llamado:
la libertad es tu preciosa herencia.

Radiante sol, fecundo á las naciones,
sus grandiosos destinos ilumina;
y pues del cielo son tan ricos dones
sella tú con tu amor la obra divina.

Tambien te acoge en sus amantes brazos
un pueblo libre; madre cariñosa,
del pueblo y trono estrecharás los lazos,
y Dios bendicirá tu union dichosa;

Mientras la sombra veneranda y pia
del noble rey, tu generoso abuelo,
sobre esta hospitalaria tierra envia
inefable mirada de consuelo.

Eusebio Asquerino.

LA PREGHIERA

Sonetto

All'ombra dell'altar, quando sciorrai
la fervida preghiera, Ti rammenta
di quella Terra, per cui pianto avrai
nella piena dei mâl, che la tormenta...

Ah! prega... prega, che pur cessi omai
la cruda lotta, che le rende spenta
quasi del tutto quella fé, che i rai
le aprí alla gloria, per cui fu redenta:

L'inclita maestà dell'alma reggia
dell'avita pietà sostenti il brio,
che nell'italo Cielo ancor lumeggia.

Prega, che alfin l'Italia sia felice,
e col suo scudo la difendi Iddio,
perché non sia più misera, e infelice...

Cav. Gaetano Frascarelli.

*

PARABENS

Vem, oh! vem, Princeza Augusta,
espargir, qual branda aurora,
sobre um povo que te adora
raios de luz e de amor.
Vem, que serás nesta terra
a esperança da orfandade,
a estrella da liberdade,
Gentil e Mimosa Flor!

Sentiste, Candida Virgem?...
Um murmurio agradecido
não passou do teu ouvido
docemente ao coração?
Que pensas que foi? Não sabes?
Nesse rumor delirante
recebes tu neste instante
as bençãos da multidão!

Acclamaram-Te! Es Rainha!
Que bello dia na vida!
ter a fronte assim cingida
por essa corôa de amor,
tecida por mil affectos!!
Parabens, Virgem Formosa,
parabens, ja és esposa
Gentil e Mimosa Flor!

JACINTO AUGUSTO DE SANTANNA E VASCONCELLOS.

SAVOJA E BRAGANZA

POEMA IN DIECI CANTI

(Frammenti)

.....

....

Nell'antica del mondo nota parte
Due Penisole sonvi rinomate
A cui si eguali doni il ciel riparte
Che col nome d'Esperia fur chiamate.
Non sai al vederle se natura od arte
Tali dovizie in loro abbia versate,
E una si tanto all' altra rassomiglia,
Che due non vedi, ma una meraviglia.

Italia e Iberia quindi fur chiamate
Coll'alterno seguirsi degli eventi,
Ché il cielo non permise lunga etate
Che a' suoi imperscrutabili portenti,

Ma quante sono al mondo cose nate
Deggion sparir siccome nebbia ai venti,
Ché da distruzion quanto nasce ha vita
E da cosa fu cosa ognor sortita.

Dann'ivi legge ai popoli soggetti
Con savio, forte, giusto, umano impero
Dal popolo e da Dio due Tronchi eletti
Che pregiansi seguir le vie del vero.
Giá Braganza e Savoja furon detti,
E ognun puó andar del proprio nome altiero
Che per quanto su terra il ciel si spande
Stirpe non vedi né più eccelsa o grande.

.....

.....

Nel bel giardin che a sua difesa ha l'Alpi
E a cui il mar lambe mollemente il piede
La bella Pia s'inspirava agli alti
Pensieri di virtù. Quanti concede
L'Eterno al male oprar solidi spalti,
Intelletto, vigor, saggezza e fede
Tutto ha Maria; ne sai se van lodate
Più in lei virtù acquisite o doti innate.

Giace la reggia degli avi antichi
Appié del bel paese subalpino;
Di colli è circondata e luoghi aprichi
E fá come puntello al giogo alpino;
La bagna il Pó, che par che al mondo indichi

Che pari al suo ingrandirsi nel cammino
Un dì il Sabaudo Prence fia sovrano
Di quanto acchiude Italia in monte e in piano.

Duri impetuosi assalti ella sostenne.
E in prove di valor sortì vincente,
Che mai non volle alla crudel bipenne
Piegare il capo di straniera gente.
Contra un oste agguerrita essa sol tenne
Alta la fronte. e la scacciò perdente;
Di Pietro Micca il patrio amor, l'ardire
É ben noto, nè val or qui ridire.

Lá nacque, s'educò, la visse e crebbe
Quella che in noi or fá tanta esultanza;
Lá di virtude gli alti sensi accrebbe
Dei patri colli alla gentil fragranza.
Per un angiolo presa ognun l'avrebbe
Ai modi eletti, alla genial sembianza;
Lá, al povero e al tapino era sua cura
Render la sorte prava meno dura.

Figlia a Vittorio, cui vittoria arride
E a Adelaide Ranier nacque la Pia;
La luce il dì sedici Ottobre vide
Siccome fior che ad alitar s'apria.
Quando l'Italia del bel don s'avvide
Che in quell'Angiol del cielo il ciel l'invia
Anni faceano allor mille ottocento
Quarantasette ch'era l'uom redento.

Godeva in pace la gentil donzella
In grembo della Madre i suoi verd'anni,
Quando sorse improvisa gran procella
Che in un mar la gettò di crudi affanni;
Perché invidiando il ciel l'anima bella
D'Adelaide, di questo mondo ai danni
Che restasse più tempo Egli non volse
E quel ch'era suo come suo si tolse.

.....

.....

Prima ch'io canti degli sposi egregi
L'alte virtù che dan splendore al soglio.
E quanti sono in lor sovrani pregi,
Narrar le imprese, gli alti sensi io voglio
Degli avi illustri dei due tronchi regi,
Dei popoli soggetti onore e orgoglio.
Le cui sublimi gesta in guerra o in pace
Non giunge a cancellare il tempo edace.

Narrar le gesta! mi perdoni Iddio
Se tant'osa volare il mio pensiero!
Più che a mie forze guardisi al desio
Che il ver vuol dir in olocausto al vero.
Se nell'agone generoso e pio
Mancan sublimi voli a un cor sincero
Di Luigi e Pia la bontà mi affida
Che nel mio viaggio io prendo a scorta e guida.

.....

.....

Giaceva Italia ritagliata in lembi
Qual mantello sdrucito d'un pezzente,
E benché alcuni fosser torti o sghembi
Trovato avean l'uncino d'un potente.
Squadre non giá, ma distruttori nembi
Di stranier l'invadean qual lava ardente
Ed era premio dato al suo coraggio
Ruine, incendi, dolor, morte o servaggio.

Di sovrani stranieri ancella e schiava
Vietato le era aver speme e desio;
Dell'iniquo tiran la voglia prava
Era spacciata volontá di Dio.
Dritto e legge or non più, bensí imperava
La volontá d'un ré crudele e rio
E a chi d'opporsi ardia, sola ragione
D'assoluto signor era il cannone.

Povera Italia! Tu soffrivi tanto
Ed eran tutti sordi al tuo dolore,
Ché le Nazion ti deridevan quanto
Avevan giá tremato al tuo valore;
Qual meraviglia or dunque se al tuo pianto
Rispondea collo scherno il tuo signore,
Se a te che senno avevi e alti pensieri
Di governarti, diccan, degna non eri?

Degna non eri tu! dunque in obblio
Era giá andata la virtù latina?
Forse il valor, il senno tuo, per Dio,

Maledetti gli avea l'ira divina?
Dunque perché con sprezzo crudo e rio
A te serbavan sol stragi e rovina,
E chi te fral dicea, essi sol forti,
Non davati una sol, ma mille morti?

Ah! perché unita eri potente e forte
E l'avevan ben giá provato in guerra!
Dunque non fia che cangi la tua sorte
Finché lo stranio calcherá tua terra.
Ma il giusto Dio, che i rei potenti atterra
E dei deboli spezza le ritorte,
A ré Carlo inspiró santo desire
Di far redenta Italia oppur morire.

E il voto egli adempii. Là di Superga
Tra le tombe degli avi or giace in pace.
Ben ei tentó morir quando le terga
Volse fortuna e si mostró fallace;
Ma invan cerca sul campo chi gl'immerga
Nel petto un ferro e slacci l'alma audace,
Che da acerbo dolor sempre in cor punto
In esiglio morrí tristo e consunto.

Ha la sua patria ogn'uom, sol l'italiano
Erane privo. Schiavo vil rejetto
Nel proprio suolo era tenuto estrano
Simil di Giuda al popol maledetto.
Di rose e gigli a lui spargeva invano
Pronubo amor il marital suo letto

Ch' ei maledìva il seme suo, se schiavi
Erano i figli sul terren degli avi.

Delle gravezze il peso sol portava
E il domandar giustizia gli era tolto.
Ché l'aquila sovrana depredava
Del tristo agricoltor tutto il raccolto.
Se chi era, qualcun gli domandava,
Chinava il guardo ed arrossiva in volto
Chè per crudo destin malvaggio e rio
Non potea dir: questo paese é mio.

E mentre ogn'uomo dice: io son germano,
Altri io son anglo, son spagnuol, francese,
Ei sol non puote dir: sono italiano!
Ché estrano in proprio suol violenza il rese.
Oh! come vorrebb' ei di propria mano
Far vendetta di sì crudeli offese!
Ma invan; ché sospettosa tirannia
Di quanti l'avvicinan fé una spia.

Sapete voi qual duol porta nel core
Chi non ha patria? É un spasimar violento
Come chi cerca il guardo del Signore;
É del bastardo l'onta ed il tormento
Che un padre cerca invano a tutte l'ore;
É d'orribil fantasma lo spavento;
Sono le ambasce, i patimenti e l'onte
D'abbietto schiavo che ha vil marchio in fronte.

E Carlo al grande dí si preparava
Con un saggio governo forte e retto;
Codici attinti al vero egli dettava
E leggi che tendeano a giusto oggetto;
Consigli e Tribunali decretava
Ove giustizia avea tempio e ricetto.
Sí che vedeasi andare in stretta unione
Giustizia ed equitá, dritto e ragione.

Non trascuró, peró, nelle soavi
Cure di pace, il militar governo;
Anzi con sforzi i piú indefessi e gravi
Nell'armi introducea il progresso odierno:
E quella armata che già sotto gli avi
Aveva il chiaro nome reso eterno
Ei preparava a piú gloriose imprese
E a quel valor che sí chiara la rese.

A tale di governo saggio impero
Che d'un picciol faceva un forte stato
I popoli drizzavano il pensiero
Come a un ben lungamente invan desiato.
Minaccioso il vedean sorger foriero
Di punizion, mostrando il braccio armato,
E con nobile e generoso ardire
Sdegnar dell'austro agli ordini ubbidire.

Scuote ogni mente quel desio di guerra
Che da lungo represso or fá esplosione;
Stendesi ratto per l'itala terra

E ognun ne fa suo altare e religione;
E a quel feroce fremito che atterra
Resta il tiranno privo di ragione
E incrudelisce allo scrollar dee trono
Contro colui cui chieder dee perdono.

Per tutta Italia un grido sol s'udiva
Che potente sortiva d'ogni petto;
D'emancipar la patria ognuno ambiva
E volea col desir anche l'effetto.
Al sacrificio ognun sè stesso offriva,
E quanto avea più caro e più diletto,
Che di patria l'amor quando é verace
Bruccia ben più che su dell'esca brace.

Dal casolar ù tacito attendea
Lieto e ignoto agli agricoli lavori
Parte il villan, e va ove ogni uom correa
A mieter per la patria santi allori.
Scagliasi ardito su la gente rea,
E in petto non ha un cor ma mille cori,
E da forte soccombe col contento
Per la patria d'aver la vita spento.

Nell'aule aurate ove tutto é incanto
Armasi il titolar dagli avi antichi;
Corre pedone coi pedoni al campo
E dona sue ricchezze ai più mendichi;
Sembra ogn'indugio alla vittoria inciampo

E si scaglian furiosi sui nemichi,
E con un santo e temerario ardire
Disciplinate squadre fan fuggire.

.....
.....

Nell'invitta e fedel cittá d'Oporto
Chiuse l'estreme luci il pró guerriero;
Lontan dalla famiglia, sol conforto
Ebbe in trovarsi il cor leale e sincero;
Tranquillo con sé stesso giunse al porto
Ove l'uom trova la maestá del vero;
Ma prima di morir sacro legato
A Vittorio lasció, suo figlio amato.

Vittorio l'accettó. Scorsi dieci anni
Ecco un armata sorge ed una squadra.
Che dell'austriaco s'apparecchia ai danni
E a rintuzzare la sua voglia ladra:
Plaudono i popoli che ai loro affanni
Voglion pòr fine ed a loro sorte adra,
Infiammasi ogni cor qual face al vento
Che il fuoco sopito era, ma non spento.

Freme ogni petto; e a lavar l'onta antica
Giá apprestasi ogni braccio ed ogni core;
Col guardo e coll' andar par che ognun dica,
Non guerra, schiavitù avere a orrore,

E se fortuna mostrasi nemica
Renderalla benigna il suo valore:
Di cittadin, guerrier. fanti e cavalli
Ingombre son le vie, colline e valli

Spettacolo sublime era il vedersi
Dal Tebro, dal Ticin, dalle Lagune,
Dal Sebeto, dall'Arno, e dai diversi
Ducati ove il tiran rendeasi immune,
Da quanti Italia ha mai luoghi dispersi,
Sia villa, sia cittá, borgo o comune.
Infiammati di patrio e santo ardire
Giovani prodi d'ogni etá partire.

Ahi! forse scosso invan le sue ritorte
Ora avrebb'anco la virtù latina,
Ché di gran lunga era il nemico forte,
Se non pensava a lei pietá divina,
Chè mentre sparge l'austro stragi e morte
Scagliandosi d'Italia a estrema ruina
Appar sull'Alpi minaccioso e irato
Il Grande Napoleon di brando armato.

Siccome al sovrastar di gran periglio
D'incendio, di tremuoto o di naufragio
Stupido é ognun, né sá prender consiglio
E col malo confonde anche il più saggio.
Nè s'arrischia a parlar, nè a mover ciglio
Nè sà che sia virtù, che sia coraggio,

Stupidita restó l'austriaca gente
All'apparir d'un nembo si repente.

.....
.....

G. P. Bianchi.

A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO

Funda mudez impera na cidade
dos Cesares outr'ora, hoje de Christo,
na duas vezes soberana, em Roma.
Deslisa pelo claro firmamento
a prateada lua, com seus raios
pallida allumiando esses soberbos
monumentos do engenho, e essas ruinas,
restos de um povo que passou no mundo:
S. Pedro, o Capitolio, o Vaticano,
o Colosseu, o Pantheon, e o Circo;
a Roma de hoje e a Roma d'outras eras.
Em meio corre murmurando o Tibre,
testemunha de tanta magestade,
e de tanta mudança; o mais repousa.
Tudo está silencioso; a noite é alta.

Mas além no elevado Capitolio
que vulto é esse? como jaz immovel!
como alveja ao luar! marmorea estatua
o julgáreis talvez, em hora boa

por mão de insigne artista cinzelada,
ou gemebunda sombra, que a deshoras,
lembrada do que foi, vaga na terra.
É Cesar, o triumviro guerreiro,
o ambicioso, audaz liberticida
inda sonhando a imperial corôa?
é Pompeu, seu rival, morto no exilio,
que vem chorar na patria a desventura?
é Catão que a existencia sacrifica
para não ver a liberdade escrava?
é Scipião? é Mario? nenhum d'elles.
Desejo insaciavel de conquistas
não o animou na vida, mas a idéa
de reunir em reino poderoso
um povo grande, retalhado e oppresso:
não arrancou da espada em lucta ingloria
contra irmãos; só estranhos e verdugos
a viram lampejar, tremeram d'ella;
vencedor, foi magnanimo e sublime,
vencido, a si venceu-se, e contra os males
não foi na morte procurar abrigo;
no desterro morreu, mas elle mesmo
o demandou para não ver sangrando
a patria sob o ferro dos tyrannos
Quem é pois? é da Italia o patriota,
Carlos Alberto, o plantador ardido
da gloria, da unidade italiana.

Oh! como se ergue nobre e grandioso
no alto Capitolio, contemplando

a rainha dos seculos! A sombra
da cidade de outr'ora elle medita,
elle, sombra do homem que ha passado!

Mas não é triste o rosto seu; levanta-o
confiado e sereno; luz de esp'rança
lhe fulgura no olhar, como nos dias
de Rívoli e de Goito, quando ao lado
via a victoria a coroar-lhe as armas,
e a Austria recuando espavorida;
co'a dextra o coração comprime e aperta,
qual se fôra inda vivo; sobre a espada
pousa a sinistra, e os labios entre-abertos
como que vão fallar.

Por largo espaço
volve os olhos em roda, e emfim prorompe:

«Ó Roma, antiga Roma! que venturas
te esperam no porvir! Serás de novo
poderosa e senhora! Já vem perto
o instante de acordares do lethargo
do teu somno de seculos. Acorda,
acorda, capital da egregia Italia,
e ao mesmo tempo capital de Christo.
Podem juntos viver o sceptro e as chaves,
e hão de juntos viver, aquelle dando
leis da Sicilia austral até aos Alpes,
estas mandando aos povos do universo
da crença do Homem Deus brandos dictames.

Mas não é inda o dia destinado
pelo Eterno. Esperae, italianos,
romanos, esperae; fôra improficua
tentativa qualquer, fôra baldada.
Tu que o digas, ó alma generosa,
ó guerreiro fatal e enthusiasta,
que, sempre vencedor, foste vencido.
Mas vencido e infeliz, como és agora
maior do que nas horas de triunfo,
martyr da grande idéa italiana!
Garibaldi, consola-te comigo!
como tu, pelejei, venci, venceu-me
a sorte, os homens não, por lhe ir d'encontro,
por ter antecipado a empreza que hoje
meu filho, mais feliz, prosegue e acaba.
Esperae; tambem eu aqui o espero
o dia da victoria, eu, sombra apenas
entre os vivos, e só quando elle brilhe
vos deixarei, e deixarei o mundo.

Julgaveis que morri? o corpo ao nada
é verdade volveu, porém comvosco
o espirito ficou, filhos da Italia.
Foi elle que ateou nos vossos peitos
da liberdade a chamma, que no exilio,
nos horrorosos carceres, na morte
vos confortou, apostolos da patria;
foi elle que em Magenta, em Solferino,
e em tantas outras pugnas deu alento
aos livres esquadrões contra as cerradas

fileiras de oppressores e de escravos;
é elle que vos ha de abrir as portas,
não com ferro, com ramos de oliveira,
d'esta cidade, da fadada côrte
do reino italiano, emfim de Roma.»

Assim dizendo, a inspiração divina
lhe irradiava o rosto, e resoava
a sua voz poderosa, como um echo
dos arcanos de Deus.

«Porém que vejo,
(e apontava o occidente) ao longe, ao longe,
no fim da Europa, do oceano á beira?
O meu sangue se casa ao sangue illustre
do portuguez monarcha. A minha divida
pagas, ó filho meu, co'o mais querido,
mais do teu coração, co'a propria filha.
Dois legados, além do diadema,
eu deixei: um ao solo do meu berço,
á minha cara Italia, o outro á nobre
terra de Portugal, em cujo seio
me acolhi na desgraça, e em cujos braços,
carpido e amado, me apartei do mundo.
O primeiro nos campos de batalha
começaste a cumpril-o, expondo a vida
no mais rijo da lucta, e confiando
aos azares da guerra, e á varia sorte
os subditos fieis, a avita c'rôa.
Esse já perto o vejo do seu termo.

O segundo de todo eil-o cumprido!
Que prazer! quanto góso n'este instante!
Italia, Portugal são minha patria
uma e outro; escutou-me alegre aquella
apenas vim á luz; este escutou-me
compassivo ao morrer o extremo alento.
Que amisade, que ardor, que enthusiasmo
não achei n'esse povo, tão sublime
como os seus feitos de que brilha a historia,
quando o fui procurar quebrado e triste,
Após o dia da infeliz Novara!
Qual a seu conterraneo, me acolheram;
cingiram-me de affecto, e de carinhos;
quinhoaram com animo brioso
a minha acerba dòr; e quando a morte
d'entre elles me roubou, com pranto e lucto
inda a memoria unanimes honraram,
nem que fòra seu rei, de pobre extranho,
do monarcha vencido e desterrado.
De divida tamanha a maior parte
pertence a ti, ó Porto, inclita origem
do nome portuguez, valente berço
da santa liberdade luzitana.
Foi a ti que eu busquei entre as cidades,
do mundo para escudo contra os tiros
da fortuna cruel, a ti, de ha muito
costumado a tomares o partido
do fraco, e do opprimìdo, e que em teus muros
D. Pedro defendeste, e os seus heroicos
soldados em tenaz e duro assedio

contra a hoste infinita dos tyrannos,
crus algozes dos seus.'

Ao claro neto
do rei, libertador dos portuguezes,
te vaes unir, ó filha de meu filho.
Serás feliz; de paz e de alegria
vida longa te espera sobre o solio
donde tantos monarchas poderosos
dictaram n'outro tempo leis aos mares,
e donde agora nova luz começa
a scintillar, a dardejar esp'ranças.
Do esposo ao lado encontrarás a dita
que podes ter no mundo, e que merece
teu coração affavel, virtuoso.
Os portuguezes te amarão, querida,
bem como sua mãe, pois da corôa
só filhos querem ser e não vassallos.
Como na nossa terra, liberdade
entre elles verte o ar, sereno e puro,
igual ao nosso ar; o céo benigno,
prodigo chove flores sobre o solo,
e ditosa abundancia. Ah! quantas vezes,
vendo-lhe o meigo azul, e ouvindo a falla,
a maviosa falla portugueza,
tu não dirás comtigo: eis minha Italia!
Outras vezes tambem far-te-hão saudades
os teus campos, teu pae, e irmãos presados,
e a causa consagrada a que não pódes,
presente, ver o fim; mas escutando

como o desejam todos que te cercam,
todo o teu povo amigo, e como sempre,
e a cada passo de teu pae repete,
e dos nossos heroes os grandes nomes,
ainda pensarás: eis minha patria.
Depois, quando chegar o dia escripto
pelo Eterno no livro dos destinos
em que ha de esta cidade abrir as portas
a seus irmãos, e aqui no Capitolio
arvorar a bandeira italiana
a mão da liberdade, ó minha filha,
lá no teu novo reino o fausto annuncio
saberás pelo brado fervoroso
de Portugal inteiro, o qual unisono
dirá: Roma cedeu, a Italia é uma!»

Assim acaba; mas ao longe os echos,
pela nudez da noite retumbando,
longamente repetem nas ruinas
as palavras finaes: a Italia é uma!
Julgareis nos seus tumulos de pedra
os seculos já mortos levantarem-se
a confirmar o vaticinio augusto,
e que esses monumentos veneraveis
de tantas gerações se commoviam
ao pensar no futuro que inda espera
a dantes soberana do universo,
a rediviva Roma.

Porém breve

tudo em silencio cae; ouve-se apenas,
como gemer de queixa dolorosa,
do Tibre o murmurio. O branco vulto
inda lá está immovel, contemplando
a cidade dormida; emfim acorda
do longo meditar, e, erguida a fronte,
desce do Capitolio; mas seus passos
não produzem rumor; pausado, lento,
marcha ao clarão da lua entre as ruinas
té se perder dos muros derrocados
do vasto Colosseu na sombra enorme.

José Ramos Coelho.

AVE, STELLA!

Assóma a luz percursora,
e logo o espaço domina.
Bem-vinda sejaes, Senhora,
como a estrella matutina
que precede a nova aurora!

Bem-vinda, Esposa Real!
Gentil Princeza, bem-vinda
aos braços de Portugal!
Patria vossa é esta ainda,
patria e irmã do chão natal!

Revê-se flor entre flores;
são os jardins só mudados:
acha os mesmos explendores,
as mesmas selvas e prados,
ceo egual e eguaes amores!

De alvoroçado e saudoso,
como que o berço da infancia,
por dobrar-lhe dita e goso,
quiz seguil-A á nobre estancia
onde a aguarda o Excelso Esposo.

Num povo d'almas leaes,
que já por fé vos adora,
profundo affecto encontraes.
Vossa patria é esta agora:
bem-vinda a ella sejaes!

Honra nos foi e nos fez
uma Filha de Saboya.
Signal de gloria outra vez
ha-de ser d'Italia a Joia
sobre o throno portuguez!

A voz que as bençãos implora
jamais aos Vossos foi muda:
Vosso Avô cantou outr'ora
musa que hoje vos saúda.
Bem-vinda, Augusta Senhora!

Apoz tormenta voraz,
desce a vaga, aclara o norte.
Bem-vinda, Iris de paz,
luz de amor, como o Consorte:
o ceo, que O trouxe, Vos traz!

A estrella d'alva descora
entre as rosas do oriente.
Sejaes bem-vinda, Senhora,
como o astro que fulgente
surge e inflamma a nova aurora.

J. da S. Mendes Leal.

EMBORAS

De galas cortezãs não visto a lyra!
Idolatra servil não curvo a fronte,
nem vou rojar-me ante os degraus do throno
a espreitar o surgir da Estrella Nova
nos ceos da realeza; amo a virtude
quer dê realce á purpura esplendente,
quer entre andrajos vis esconda o brilho!

Não me deslumbra o sol da realeza!
Entre o luzir fugaz diviso as manchas,
mas distingo tambem a luz mais viva
da c'rôa divinal, que cinge as frontes
dos eleitos de Deus, reis sobre a terra!
Adoro então o esplendido da c'rôa,
adoro no monarcha o justo, o sabio

se o vejo caminhar na senda agreste
preenchendo animoso o duro encargo.

Vós sois, Vós sois, Senhor, um d'esses poucos!
Foi d'espinhos a c'rôa que cingistes!
Co'a dôr no coração, na face o pranto,
consolastes um povo que gemia
orfão de um pae, de um ermo throno em roda.
Fostes herdeiro d'inclitas virtudes!
Nesse trance fatal, resplandecestes
grande na dôr, e no valôr... sublime!

Hoje inflora-vos Deus o alto diadema!
Nos espinhos da c'rôa se entretece
candida rosa toda amor e graças!
Apoz a tempestade, vem a pomba,
precursora de paz e de venturas!
Gentil Pomba da Ausonia, a Vós meu canto!
Meus labios, não affeitos a lisonjas,
soltam a saudação livre, espontanea,
á Meiga Flôr, que vem brilhar nos Paços
de incantos mil ornada... e que rescende
não sei que vago aroma de virtudes!

Quando á voz de *liberdade*
do seu tumulo aviltante
se ergueu a Italia radiante
d'enthusiasmo, e de fé,
cairam thronos vetustos
ao troar da voz divina;

mas sobre a immensa ruina
ficou um throno de pé!

Brilhava fulgida auréola
em torno do augusto solio!
Era o novo Capitolio!
era da Italia o porvir!
do Rei-heróe, do Rei-martyr
inda guardava a saudade;
sempre o sol da liberdade
ali se vira fulgir!

Era um throno augusto e santo!
De virtudes um sacrario!
Sempre aquelle sanctuario
déra á Italia força e luz;
descêra d'elle o Rei-martyr
deixando-lhe immenso brilho!
Mais feliz, o Heróe Seu Filho
á gloria a Italia conduz!

É livre a Italia! Livre a Italia e unida
entoa um hymno de respeito e amor
ao Rei, que soube despertar-lhe a vida,
que soube outr'ora consolar-lhe a dôr!

Junto do Heróe, que um povo inteiro acclama,
que meiga Virgem lá se vê brilhar?
É junto ao roble de frondente rama
candida rosa de frescôr sem par!

Anjo da Italia a julga o povo crente,
Anjo Celeste, que só bens lhe traz!
No ardor da lucta, na virginea frente
lhe fulge a aurora, que promette a paz!

Anjo de paz e de amor
vem á terra Lusitana,
que tambem tambem se ufana
com acções d'alto valor!
Se os filhos da Italia bella,
fiados na vossa estrella,
íam firmes combater,
tambem com firme vontade
pela patria liberdade
sabem os Lusos morrer!

Em feitos d'immensa gloria
Portugal não tem segundo!
Estão espalhadas no mundo
as folhas da nossa historia!
Nossas Quinas Lusitanas,
mais do que as aguias Romanas
dictaram ao mundo a lei!
E se caía um valente,
bradava altivo e contente:
«Pela Patria, e pelo Rei!»

No throno portuguez sempre a virtude
á terra e ao ceo brilhou!
Nunca o povo, ao passar regio ataude,
alegre respirou!

Vinde dar novo brilho ao solio esplendido!
Risonha Estrella, divinal fulgi!
Ao contemplarem esse rosto angelico
em que a innocencia, em que a bondade ri,
clamam todos: — «Ditoso o Soberano,
«a quem Esposa Tal Deus concedeu!
«Mais um Anjo no solio Lusitano!
«Mais uma Flor lá dos jardins do ceo!» —

M. Pinheiro Chagas.

BEM-VINDA!

Bem-vinda ao nosso Tejo, ó triumphal bandeira!
iris da bella Italia! astro de muita esp'rança!
segues do nosso Rei a Augusta companheira!
Dissipe-se a tormenta aos rizos da bonança!

Emfim respire a grey! levante um hymno em côro,
de bençãos, d'alegria, apoz o immenso lucto.
Aos pés do throno em gala, inverta em rizo o choro
inteiro o coração! É justo esse tributo.

Tu não sabes, Rainha?... O peito era opprimido,
d'anciar por esta patria, a quem queremos tanto!
Ao ver chegar, tão só, pallido, compungido,
o Rei junto do throno, a desfarçar seu pranto,

*

pedimos muito! muito! ao Martyr do Calvario
que lhe arrancasse da alma essa amargura infinda!
Foi Deus que Te mandou, Pomba do Sanctuario!!
Vens consolál-o emfim!... Bem-vinda! oh! sê bem-vinda!

Se no teu berço augusto a paz é combatida,
se os horridos volcões tem flammas na cratéra,
a causa do opprimido, a Deus é commettida!
Confia no Juiz, acalma a dor, — espera!

A vasta nau da Italia abriu todas as velas
sem medo ao pego fundo e ao turbilhão que freme.
Tem, a mostrar-lhe o porto, ou iris ou estrellas;
a liberdade á prôa! a lealdade ao leme!

E se inda irado mar em torno ao teu palacio
brama aos duros tufões *da Austria* e *d'Aspromonte*,
em breve um sopro do Alto ha-de limpar do *Lacio*
a escuma da tormenta, as nuvens do horisonte!

E Tu no entanto a nós, ó Pomba Espavorida,
acolhe-Te, da paz formosa mensageira!
na arca de nosso peito has-de encontrar guarida;
nos braços d'este povo... os ramos da oliveira!

Terás na Lusa praia as ribas italianas;
sollo que diz: — fartura; — e ceo que diz: — bonança;
searas da Cicilia; auras napolitanas;
e flores da Saboya em prados de Bragança!

Terás do povo o amor, que Te foi dado inteiro,
mal que a paterna mão de nós te confiára;
o braço, o coração de D. Luiz Primeiro,
e as bençãos que Te guarda o Martyr de Novara.

.....
....
.....
.....

Senhora! pois que vens a semear venturas,
no campo que inda enxuga os prantos da saudade,
Rainha! ajuda o Rei a ter-nos bem seguras,
a paz, a independencia, a honra, a liberdade!

E nós, cheios de amor e d'alegria infinda,
iremos supplicar ao Martyr do Calvario
haja de transformar Á que nos foi bem-vinda,
a patria, num altar; o solio, num sacrario!

THOMAZ RIBEIRO.

SONETTO

«Viva Savoia» risonar si udio,
sette secoli son, dal Duero al Tago,
quando á Mafalda, di bei nodi vago,
il primo Affonso il core e un Trono offrio.

Sulle sponde di questo e di quel rio
desta Maria, d'ogni virtude imago,
plauso maggiore, or che contento e pago
Lisia ravvisa il pubblico desio.

Di Luigi la Sposa al Tago in riva
eccola giunta ormai... Danze e carole
sciolgonsi ovunque, ed echegianti evviva!

Col diadema regal mirti e viole
intrecciate miriamo... Italia viva!
evviva, evviva la Sabaudea Prole!

*** L.

FRAMMENTI D'UNA CANTATA

(Questa Cantata dovea eseguirsi al Regio Teatro S. Carlo la sera che venisse onorato della presenza delle LL. AA. Maestá; ma per insormontabili difficoltá venne rimandata la sua rappresentazione ad altra fausta occorrenza.)

.....

.....

.....

.....

CORO

Forte, temuta; e bella
Quale romita stella
Eri mia Lisia un dí;
Fiorivi, ed il tuo core
Tale chiudea valore
Che mai non fù cosí.
Deh sorgi; e nel passato
Vedi il futuro fato
Ché il spirito non muor;
Ma più rinasce baldo
Se per la patria caldo
Amor si nutre in cor.

Il Genio della Lusitania

Ben grato, o Dive, é il ricordarsi altero
Dei giorni che giá fur, giorni di gloria,
E rincorarsi nelli fasti aviti.
Ma il passato non é d'invidia oggetto
A chi nella presente etade all'aura
Vive del Grande Luigi, certa spene
Di gloria antica e di presente bene.
Perché vaga splende in cielo
Una stella oltre l'usato?
Perché il raggio suo infocato
Palpitar fa più d'un cor?
Ma d'un palpito represso
Che provar fá a un tempo istesso
Gaudio, amor, speme e timor?
Quella stella, quel fulgore,
Fisso, o Lisia, ha il tuo destino;
E predice un dí vicino,
Giusto premio al tuo valor,
Fia quel dí giorno di gloria,
Fia del senno la vittoria,
Di Braganza fia l'onor.

CORO E BALLABILE

Tempriam le cetere;
Spargiamo ai venti
D'amore e giubilo

Dolci concenti:
Dovuto omaggio
Si porga al Ré.
Tuoi di celebrinsi
Per lunga etade,
Felici varchino
Rosee contrade;
Tuo cor magnanimo
Sia guida a te.
Nell'alme susciti
Conforto e spene;
Da te il tuo popolo
Spera ogni bene,
Tuo nome é oroscopo
Di gran splendor.
L'etade tenera
Di scienza onusta,
Che il senno accoppia
D'etá vetusta,
La luce accrescere
Fá al tuo fulgor.
Tue gesta attendono
Calliope e Clio;
Sarai la gloria
Del suol natio,
Tu nome ai posteri
D'amor sará.
Don Luigi accrescere
Chi puó tua fama?
Del Rege il modulo

Giá ognun ti chiama;
Sull' ali ai secoli
Tuo nome andrá.

SCENA II

LA FAMA E DETTI

Fama

Spirti di Lusitania, a voi che in petto
La prisca avete ancor virtú latina
Grata novella arreco.
Lá dell'Ausonio suol, terra d'eroi,
Il popolo con ira giusta e santa
Scuote un antico giogo, e di fortuna
Menda il capriccio col valor del braccio.
Tal veggonsi d'eroici fatti esempli
Che la lontana etade altri non veda
E questi che vediam forse non creda.

Genio Lusitano

Che mai ne dici tu?

Fama

Taci e m'ascolta.

Giaceva l'Italia — dall'ire del fato
Lanciata in catene — che mai non mertó;

Ma il prisco valore — il braccio fatato
Trá despoti e schiavi — possente serbó.
E un dí rammentando — la patria degli avi
Il brando temuto — di nuovo impugnó;
E sorse sclamando — che terra di schiavi
Chi vinse giá il mondo — giammai si chiamó.
Allora Vittorio — lo scettro gettando,
I prodi alle pugne — al trionfo guidó,
E Regi stranieri — e squadre fuggando
E libera e unita — l'Italia formó.

CORO

Sia gloria a Vittorio — che scettro e corona
E spada e persona — a Italia donó.
.....
.....

SCENA III

IL GENIO D'ITALIA

Eccomi giunto in Lusitania! Oh terra
Sacro cener di prodi, io ti saluto!
Bello e ridente é il suolo tuo che un riso
Par dell'Eterno, e ove germoglian tante
Di sublimi virtú inclite gesta.
Oh come all'eco del valore antico
Tu grande, tu magnanima rispondi
Col senno, col pensier che in pace effondi!

Bello è il tuo cielo, o Lisia,
Son forti i figli tuoi;
Superba andar ne puoi
Lo dice Italia a te.
Non arrestare il passo
Varca il segnato calle,
Mai non discese a valle
Chi volse ad alto il pié.

.....
....
.....
.....
.....

TUTTI

Coppia Eletta ascendi al soglio
Degli Augusti tuoi maggiori,
E per te di nuovi allori
Lusitania avrá fulgor.
Regal serto il crin ti cinge
D'una stirpe ognor famosa,
Ma corona più gloriosa
Hai del popol nell'amor.

G. P. Bianchi.

¡SALVE, REGIA BELDAD!

¡Ya sois de Portugal! Ya vuestra frente
los rayos de su cielo esplendoroso
iluminan, y alhagan dulcemente
de las áuras el beso cariñoso.

Excelsa, pura, cándida y lozana
del Tajo vais á ser la flor mas bella;
Lísia para acogeros se engalana
y de jazmines cubre vuestra huella.

¡Oh cuanto bienhadada si el futuro
la memoria os guardare de este dia!
Estrangero cantor, al pueblo auguro
en vos la nueva luz que Dios le envía.

Idolo ya del Lusitano suelo,
mitad del alma de su Rey amante,
vais á calmar tan generoso anhelo
cuando la fama vuestra gloria cante.

El lloro que enjugueis, perla divina
será de vuestra fúlgida diadema,
cifra veraz que ostente peregrina
tan dulce nombre, de bondad emblema.

El sin ventura huérfano; el anciano,
la vïuda llorosa, desvalida,
Tendran alivio en vuestra nívea mano,
recompensa feliz de esta acogida.

Salud, Régia Beldad! cual rúbia aurora
descollando entre nácares serena
de esperanzas el ánimo atesora,
tal asomais de mil encantos llena.

Que las flores os dén su puro aliento,
las áuras sus mas gráciles suspiros,
el avecilla con su vário acento
mil arrullos de amor en dulces giros.

Y al deponer colmado de alegria,
bardo sin nombre, esta humildosa ofrenda
no desecheis su débil armonia,
pues de la vóz del corazon es prenda.

Luis Breton y Vedra.

Typographia
FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6
LISBOA

DP
666
C75

Coroa poetica

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 14 07 02 018 9